

INÉDITO

# Maigret

Simenon

Liberty Bar



L&PM POCKET

Georges Simenon

Liberty Bar

*Tradução de* CELINA PORTOCARRERO

[www.lpm.com.br](http://www.lpm.com.br)

**L&PM** POCKET

# CAPÍTULO I

---

# O MORTO E SUAS DUAS MULHERES

TUDO COMEÇOU COM UMA sensação de férias. Quando Maigret desceu do trem, metade da estação de Antibes estava banhada num sol tão luminoso que só era possível ver as pessoas se movendo como vultos. Vultos usando chapéu de palha, calça branca, carregando raquete de tênis. O ar fervilhava. Havia palmeiras, cactos à margem do cais, um pedaço de mar azul além da fábrica de lâmpadas.

E no mesmo instante alguém se apresentou:

– Comissário Maigret, eu suponho. Reconheço-o graças a uma foto que apareceu nos jornais... Inspetor Boutigues...

Boutigues! Só um nome desses já parecia uma farsa! Boutigues no mesmo instante passou a carregar as malas de Maigret, conduzindo-o até a galeria subterrânea. Usava um terno cinza-pérola, cravo vermelho na lapela, sapatos de lona.

– É a primeira vez que o senhor vem a Antibes?

Maigret secava o rosto e tentava seguir seu cicerone, que abria caminho por entre os grupos e passava à frente de todos. Enfim, viu-se diante de um fiacre coberto por uma capota de tecido creme, com pequenas borlas que saltitavam ao redor.

Mais uma sensação esquecida: as molas que se comprimiam, o golpe do chicote do cocheiro, o barulho abafado dos cascos sobre o asfalto amolecido...

– Vamos primeiro tomar alguma coisa... Claro! Claro! Para o Café Glacier, cocheiro...

Ficava a dois passos. O inspetor explicava:

– Place Macé. O centro de Antibes...

Uma praça bonita, com um jardim, toldos cor de creme ou laranja em todas as casas. Um convite para se sentar numa varanda, beber um anis. À frente, uma vitrine cheia de roupas esporte, maiôs, roupões... À esquerda, uma casa de máquinas fotográficas... Alguns belos carros ao longo do meio-fio...

Um clima de férias, afinal!

– O senhor prefere ver primeiro as prisioneiras ou o local do crime?

E Maigret respondeu sem saber muito bem o que dizia, como se lhe tivessem perguntado o que queria beber:

– O local do crime.

As férias continuavam. Maigret fumava um charuto oferecido pelo inspetor. O cavalo trotava à beira-mar. À direita, mansões se ocultavam atrás dos pinheiros. À esquerda, algumas rochas, depois a água azul salpicada por duas ou três velas brancas.

– O senhor se dá conta da topografia? Atrás de nós, é Antibes... A partir daqui começa o Cap d'Antibes, onde só há mansões, sobretudo mansões muito ricas...

Maigret concordava, em paz. Todo aquele sol que lhe entrava cabeça adentro o atordoava, e ele piscava para a flor púrpura de Boutigues.

– O senhor disse Boutigues, não foi?

– Isso mesmo, sou de Nice. Ou melhor, nascido e criado em Nice!

Em outras palavras, um mediterrâneo puro-sangue, mediterrâneo ao quadrado, ao cubo!

– Incline-se! Está vendo a mansão branca? Foi lá...

Maigret não fazia de propósito, mas olhava para tudo aquilo sem acreditar. Não conseguia entrar num clima de trabalho, dizer a si mesmo que estava lá em decorrência de um crime.

É verdade que tinha recebido instruções bastante especiais:

– Um sujeito chamado de Brown foi assassinado em Cap d'Antibes. Os jornais estão cheios de notícias. Seria melhor que não levantássemos muita poeira.

– Entendido!

– Brown prestou, durante a guerra, serviços ao Deuxième Bureau!

– Novamente entendido!

Pois muito bem! O fiacre parava. Boutigues tirava uma pequena chave do bolso e abria o portão, pisoteando o cascalho da alameda.

– É uma das mansões menos bonitas do Cap!

Mas não era nada má. As mimosas saturavam o ar de um perfume açucarado. Havia ainda algumas laranjas douradas em árvores bem pequenas. Depois, flores extravagantes, que Maigret nem mesmo conhecia.

– Em frente, a propriedade de um marajá... Ele deve estar aí neste momento... A quinhentos metros, à esquerda, é a de um acadêmico... Depois temos a da famosa dançarina que está com um lorde inglês...

Pois é! Muito bem! Maigret sentia vontade de se sentar no banco que ofuscava a casa e cochilar por uma hora! É verdade que viajara a noite inteira.

– Estou lhe dando, grosso modo, algumas explicações indispensáveis.

Boutigues abriu a porta e entravam no frescor de um vestíbulo cujos janelões se abriam para o mar.

– Brown vive aqui há uns dez anos...

– Ele trabalha?

– Não faz coisa alguma... Deve ter rendas... Aqui se diz sempre: Brown e suas duas mulheres...

– Duas?

– Na verdade, apenas uma era sua amante: a filha... Chama-se Gina Martini...

– Está na prisão?

– A mãe também... Viviam os três juntos, sem empregados...

O que não era de surpreender quando se via a casa, de uma limpeza duvidosa. Talvez houvesse ali belas coisas, alguns móveis de valor, alguns objetos que tivessem tido seu momento de esplendor.

Tudo estava sujo, em desordem. Um excesso de tapetes, tecidos pendurados ou esticados sobre poltronas, coisas demais cheias de poeira...

– Agora, vamos aos fatos: Brown tinha uma garagem bem ao lado da mansão... Estacionava ali um

automóvel fora de moda que ele mesmo dirigia... E que servia, sobretudo, para fazer compras em Antibes.

– Sei... – suspirou Maigret, que observava um pescador de ouriços que remexia, com seu caniço bifurcado, o fundo das águas claras.

– Ora, durante três dias, observou-se que o carro ficou dia e noite na estrada... Aqui, as pessoas cuidam pouco da vida umas das outras... Ninguém se preocupou... Foi na segunda-feira à noite que...

– Desculpe-me. Hoje é quinta-feira, certo? Muito bem.

– Na segunda à noite o açougueiro voltava com sua caminhonete quando viu que o carro saía... O senhor lerá o depoimento... Ele o via por trás... No início, acreditou que Brown estivesse bêbado, porque o carro dava saltos... Depois andou por um momento em linha reta... Tão reta que na curva, a trezentos metros daqui, atirou-se de frente sobre o rochedo... Antes que o açougueiro pudesse intervir, as duas mulheres desceram e, ao ouvir um barulho de motor, começaram a correr em direção à mansão...

– Levavam embrulhos?

– Três malas... Era fim de tarde... O açougueiro não sabia o que fazer... Veio até aqui, à Place Macé, onde, como o senhor pode ver, há um guarda de serviço... O guarda lançou-se em busca das duas mulheres, que acabou encontrando quando se dirigiam não à estação de Antibes e sim à de Golfe-Juan, a três quilômetros...

– Sempre com as três malas?

– Jogaram uma fora. Foi descoberta ontem num bosque de tamarindos... Elas ficaram perturbadas... Explicaram que iam visitar uma parenta doente em Lyon... O guarda teve a ideia de mandar abrir as malas e encontrou um lote inteiro de títulos ao portador, algumas notas de cem libras e, enfim, objetos diversos... A multidão tinha ocorrido... Era a hora do aperitivo... Todos estavam na rua e escoltaram as duas mulheres até o comissariado, depois até a prisão...

– Revistaram a mansão?

– Na primeira hora do dia seguinte. A princípio, nada foi encontrado. As duas mulheres alegavam não saber o que teria acontecido a Brown. Afinal, por volta do meio-dia, um jardineiro reparou numa terra remexida. Sob uma camada de menos de cinco centímetros, foi descoberto o cadáver de Brown, todo vestido...

– As duas mulheres?

– Mudaram o refrão. Alegaram que, três dias antes, tinham visto o carro parar e que ficaram surpresas, porque Brown não o punha na garagem... Ele atravessou o jardim cambaleando... Gina o insultou pela janela, acreditando-o bêbado... Ele caiu sobre os degraus da entrada...

– Morto, é claro!

– Mortinho da silva! Recebeu uma facada nas costas, exatamente entre as omoplatas...

– E elas viveram três dias com ele na casa?

– Pois é! E não dão qualquer razão plausível para tanto! Alegam que Brown tinha horror da polícia e de qualquer coisa parecida...

– Elas o enterraram e partiram com o dinheiro e os objetos mais preciosos! Posso compreender o carro parado na estrada por três dias... Gina, que não sabe dirigir muito bem, hesitou diante da manobra

que precisaria ser feita para entrar na garagem... Mas me diga: havia sangue no carro?

– Nenhum sangue. Elas juram que foram elas que limparam...

– E isso é tudo?

– Isso é tudo! Elas estão furiosas! Pedem para serem libertadas...

O cavalo do fiacre relinchava. Maigret não ousava jogar fora seu charuto, que não tivera coragem de fumar até o fim.

– Um uísque? – propôs Boutigues ao avistar uma adega.

Não, realmente, aquilo não parecia um drama! Maigret fazia em vão um esforço para levar as coisas a sério. Seria culpa do sol, das mimosas, das laranjas, do pescador que continuava a mirar nos ouriços através de três metros de águas límpidas?

– O senhor pode deixar comigo as chaves da casa?

– Sem dúvida! A partir do momento em que é o senhor quem assume a investigação...

Maigret esvaziou o copo de uísque que lhe ofereciam, olhou para o disco que estava na vitrola, girou instintivamente os botões de um aparelho de rádio-amador e se ouviu:

– Trigo para colheita... Novembro...

Nesse momento, bem atrás do aparelho, avistou um retrato, que apanhou para olhar de mais perto.

– É ele?

– É. Nunca o vi em vida, mas o reconheço...

Maigret desligou o aparelho de rádio-amador, com uma ponta de nervosismo. Alguma coisa despertara dentro dele. O interesse? Mais do que isso!

Uma sensação confusa, um tanto desagradável, aliás! Até ali, Brown tinha sido apenas Brown, um desconhecido, com muita probabilidade um estranho, que morrera em circunstâncias mais ou menos misteriosas. Ninguém se perguntara o que ele havia pensado enquanto vivia, qual fora sua mentalidade, nem o que havia sofrido...

E eis que, ao olhar o retrato, Maigret se perturbou, porque tinha a impressão de conhecer o personagem... E não de conhecê-lo porque já o tivesse visto...

Não! Os traços lhe eram indiferentes. Um rosto largo de homem bem-apeado, mais para sanguíneo, cabelos ruivos um tanto raros, bigodinho cortado rente ao lábio, grandes olhos claros...

Mas havia algo, no conjunto, na expressão, que fazia Maigret pensar em si mesmo. Um jeito um pouco curvado nos ombros... Aquele olhar exageradamente calmo... Aquela expressão ao mesmo tempo bonachona e irônica nos lábios...

Não se tratava mais de Brown-o-cadáver... Tratava-se de um sujeito que o comissário tinha vontade de conhecer melhor e que o intrigava.

– Mais um gole de uísque? Não é dos piores...

Boutigues estava rindo! Ficou espantadíssimo ao ver um Maigret que não reagia mais às suas brincadeiras e que olhava em volta com ar ausente.

– E se oferecêssemos uma dose ao cocheiro?

- Não! Vamos embora...
- Não vai visitar a casa?
- Numa próxima vez.

Quando estivesse sozinho! E quando seu crânio não estivesse mais explodindo com o sol. Voltando à cidade, ele não falou, só respondeu com movimentos de cabeça a Boutigues, que se perguntava em que poderia ter desagradado seu companheiro.

– O senhor verá a cidade velha... A prisão é bem perto do mercado... Mas é sobretudo pela manhã que se deve...

- Para que hotel? – perguntou o cocheiro, virando-se.
- O senhor quer ficar no centro? – perguntou Boutigues.
- Deixe-me aqui! Vai me servir bem..

Havia um hotel do tipo pensão de família, a meio caminho entre o Cap e a cidade.

- O senhor não vai à prisão ainda hoje?
- Amanhã, vou ver...

– Quer que eu venha buscá-lo? Por outro lado, se, depois do jantar, o senhor quiser ir ao cassino de Juan-les-Pins, eu...

- Não, obrigado. Estou com sono...

Não estava com sono. Mas não estava disposto. Estava com calor, suado. Em seu quarto, que dava para o mar, abriu a torneira para encher a banheira, mudou de ideia, saiu, cachimbo entre os dentes, mãos nos bolsos.

Tinha percebido as mesinhas brancas na sala de jantar, os guardanapos dobrados em leque nos copos, as garrafas de vinho e de água mineral, a empregada que varria...

- Brown foi morto com uma facada nas costas e suas duas mulheres tentaram fugir com o dinheiro...

Tudo aquilo ainda era muito vago. E, mesmo sem querer, ele olhava o sol que, para os lados de Nice, cuja Promenade des Anglais era definida por uma linha branca, mergulhava lentamente no mar.

Depois observou as montanhas com os picos ainda brancos de neve.

Em outras palavras, Nice à esquerda, a 25 quilômetros; Cannes à direita, a 12 quilômetros... A montanha atrás e o mar à frente.

Ele já construía um mundo do qual a mansão de Brown e suas mulheres era o centro. Um mundo escorregadio de sol, de cheiros de mimosas e flores açucaradas, de moscas bêbadas, de carros deslizando sobre o asfalto amolecido...

Não teve coragem de andar até o centro de Antibes, a apenas um quilômetro. Voltou ao seu hotel, o Hotel Bacon, pediu uma ligação para o diretor da prisão.

- O diretor da prisão está de férias.
- E o vice-diretor?
- Não há um vice-diretor. Estou sozinho aqui.
- Muito bem! Daqui a pouco, mande as duas prisioneiras para a mansão.



O guarda também devia estar debaixo do sol. Talvez tivesse tomado alguns aperitivos. Esqueceu-se de pedir garantias administrativas.

– Está certo! O senhor vai devolvê-las às...?

E Maigret bocejou, espreguiçou-se, encheu o cachimbo. Mas que coisa, aquele cachimbo não tinha o mesmo gosto de sempre!

– Brown foi morto e as duas mulheres...

Foi a pé, bem devagar, até a mansão. Reviu o lugar em que o carro batera no rochedo. Quase riu, porque era bem o tipo de acidente que deveria acontecer com um motorista novato. Alguns zigue-zagues antes de se firmar em linha reta... E, uma vez em linha reta, a impossibilidade de virar...

O açougueiro que chegava, no lusco-fusco... As duas mulheres que começavam a correr com suas malas pesadas demais e que abandonavam uma no caminho...

Uma limusine passou, dirigida por um motorista. Ao fundo, um rosto asiático: com certeza um marajá... O mar estava vermelho e azul, com uma transição alaranjada... Luzes elétricas se acendiam, ainda pálidas...

Então, Maigret, que estava sozinho em todo aquele cenário, caminhou para a grade da mansão, como um proprietário que volta para casa, girou a chave na fechadura, deixou o portão entreaberto e subiu os degraus da entrada. As árvores estavam cheias de pássaros. A porta deu um rangido que devia ser familiar a Brown.

À soleira, Maigret tentou analisar o cheiro... Porque cada casa tem seu cheiro... Aquele ali era sobretudo à base de um perfume muito forte, sem dúvida de almíscar... E restos de charuto apagado...

Apertou o interruptor elétrico, foi se sentar no salão, junto ao aparelho de rádio e ao fonógrafo, no lugar em que Brown devia se sentar, pois era a poltrona mais gasta.

– Ele foi assassinado, e as duas mulheres...

A luz era ruim, mas ele percebeu que um abajur estava ligado a uma tomada. Era coberto por uma imensa cúpula de seda rosa. Quando a luz era acesa, o cômodo ganhava vida.

Durante a guerra, ele prestou serviços ao Deuxième Bureau...

Era fato notório. Era a razão pela qual os jornais locais, que ele tinha lido no trem, davam tanta cobertura ao caso. Para o público, a espionagem é uma coisa misteriosa e cheia de prestígio.

E então, liam-se títulos idiotas, tais como:

UM CASO SENSACIONAL

OUTRO CASO KOUTIOUPOFF?

UM DRAMA DA ESPIONAGEM

Alguns jornalistas reconheciam a mão da Tcheca, outros, os métodos do Intelligence Service.

Maigret olhava em torno com a impressão de que faltava alguma coisa. E encontrou. O que não combinava era a grande vidraça atrás da qual a noite estagnava. Ora, havia uma cortina, que ele fechou.

Pronto! Uma das mulheres, naquela poltrona, fazia com certeza um trabalho de costura...

Ali estava o trabalho, um bordado, sobre uma mesinha.

A outra naquele canto...

E naquele canto havia um livro: *As paixões de Rodolfo Valentino*...

– Só faltam Gina e a mãe.

Era preciso um esforço de atenção para distinguir o leve farfalhar da água ao longo dos rochedos da costa. Maigret olhava mais uma vez o retrato, que trazia a assinatura de um fotógrafo de Nice.

– Sem criar caso!

Em outras palavras, descobrir o mais depressa possível a verdade para acabar com as divagações dos jornalistas e da população. Houve passos no cascalho do jardim. Um sino, de som muito grave, muito sedutor, retiniu no vestíbulo. E Maigret foi abrir, vislumbrando ao lado de duas silhuetas femininas um homem de quepe.

– Pode ir... Eu cuido delas... Entrem, senhoras!

Tinha o ar de um anfitrião. Ainda não via seus traços. Em compensação, respirava de perto o cheiro de almíscar.

– Espero que tenham afinal compreendido... – começou uma voz ligeiramente alquebrada.

– Entrem... Fiquem à vontade.

Elas penetraram na luz. A mãe tinha o rosto todo enrugado, coberto por uma compacta camada de maquiagem. De pé, no meio do salão, olhava ao seu redor como para se assegurar de que nada faltava.

A outra, mais desconfiada, observava Maigret, arrumava as pregas do vestido, esboçava um sorriso que pretendia excitante.

– É verdade que o fizeram vir especialmente de Paris?...

– Tirem os casacos, por favor... Instalem-se como de costume...

Elas ainda não o compreendiam muito bem. Estavam em casa como estranhas. Temiam uma armadilha.

– Nós três vamos conversar...

– O senhor sabe de alguma coisa?

Foi a filha quem falou, e a mãe, cortante, lhe disse:

– Cuidado, Gina!

A bem da verdade, Maigret, mais uma vez, tinha dificuldades para levar seu papel a sério. A velha, a despeito da maquiagem, era uma visão horrenda.

Quanto à filha, de formas cheias, talvez um pouco abundantes, moldadas por seda escura, encarnava a falsa mulher fatal.

E o cheiro! Aquele almíscar em excesso que vinha outra vez saturar o ar da sala!

Aquilo lembrava a portaria de um pequeno teatro!

Nenhum drama! Nenhum mistério! A mamãe que bordava vigiando a filha! E a filha que lia as aventuras de Valentino!

Maigret, que retomara seu lugar na poltrona de Brown, olhava ambas com olhos sem expressão e se

perguntava com uma ponta de desconforto: “Mas que diabos aquele animal de Brown pode ter feito durante dez anos com essas duas mulheres?”.

Dez anos! Longos dias de sol imutável, de perfumes de mimosas, com o balanço, sob as janelas, da imensidão azul, e dez anos de noites quietas, intermináveis, mal roçadas pelo ruído de uma onda sobre as rochas, e as duas mulheres, a mãe em sua poltrona, a filha perto do abajur de seda rosa...

Girava mecanicamente entre os dedos a fotografia daquele Brown que tinha a audácia de se parecer com ele.

# CAPÍTULO II

---

## FALEM DE BROWN...

– O QUE ELE FAZIA à noite?

E Maigret, pernas cruzadas, olhava com desprazer para a velha que tentava bancar a mulher distinta.

– Saíamos muito pouco... Na maioria das vezes, minha filha lia enquanto...

– Fale-me de Brown.

Então, amuada, ela desistiu:

– Ele não fazia nada!

– Ele ouvia rádio – suspirou Gina que, por sua vez, assumia poses negligentes. – Tanto quanto eu gosto de música, tenho horror de...

– Fale-me de Brown. Ele tinha boa saúde?

– Se ele me tivesse escutado – começou a mãe –, nunca teria sofrido do fígado, nem dos rins... Um homem, quando chega aos quarenta...

Maigret tinha a expressão do senhor a quem um imbecil alegre conta velhas anedotas morrendo de rir a cada instante. Uma era tão ridícula quanto a outra, a velha com seu ar de desdém, a outra com suas poses de odalisca bem nutrida.

– A senhora disse que ele voltou de carro, à noite, que atravessou o jardim e caiu sobre os degraus da entrada...

– Sim! Como se estivesse caindo de bêbado. Pela janela, gritei-lhe que só voltasse quando não estivesse mais naquele estado.

– Ele chegava bêbado com frequência?

– Sempre que desaparecia, ou quase... Nós chamávamos de novena...

– E ele fazia novenas com frequência?

Maigret não conseguia deixar de sorrir de contentamento. Então Brown não passara todas as horas dos últimos dez anos a sós com as duas mulheres!

– Mais ou menos uma vez por mês.

– E elas duravam...

– Ele saía por três dias, quatro dias, às vezes mais... Voltava sujo, cheio de álcool...

– E mesmo assim o deixavam sair de novo?

Silêncio. A velha, toda dura, lançava ao comissário um olhar penetrante.

– Suponho, entretanto, que vocês exercessem alguma influência sobre ele...

– Era preciso que ele fosse buscar dinheiro!

– E não podiam acompanhá-lo?

Gina levantou-se. Suspirava com um gesto de cansaço.

– Como tudo isso é desagradável! Vou lhe dizer a verdade, senhor comissário... Não éramos casados, embora William sempre me tenha tratado como sua mulher, a ponto de trazer mamãe para viver conosco. Para os outros, eu era a sra. Brown... Senão, não teria aceito...

– Nem eu! – pontuou a outra.

– Só que sempre há nuances... Não quero falar mal de William... Só houve um ponto no qual ele sempre deixou clara uma diferença: a questão do dinheiro...

– Ele era rico?

– Não sei...

– E também não sabe onde estava a fortuna dele? Era por isso que o deixava partir, todos os meses, em busca de fundos?

– Tentei segui-lo, confesso... Será que eu não tinha o direito? Mas ele tomava precauções... Levava o carro...

Maigret, agora, estava à vontade. Começava até a se divertir. Reconciliara-se com aquele farsante do Brown, que vivia na companhia de duas megeras mas que, durante dez anos, conseguira esconder delas a fonte de suas rendas.

– Ele trazia grandes somas de cada vez?

– Só o suficiente para viver um mês... Dois mil francos... Depois do dia quinze, precisávamos controlar...

Aquele era o ponto nevrálgico! Só de pensar, as duas se enfureciam!

Bolas! Assim que o dinheiro diminuía, elas deviam observar William com apreensão, perguntando-se se ele não iria em breve recomeçar sua novena.

Nem mesmo podiam dizer: “E então? Você não vai pra sua festinha?”.

Faziam alusões! Maigret imaginava muito bem as cenas!

– Aliás, quem cuidava das contas?

– Mamãe – disse Gina.

– Era ela quem organizava o cardápio?

– Claro! E a cozinha, já que não havia dinheiro suficiente para pagar uma empregada!

Então, estava explicado. Nos últimos dias, serviam a Brown refeições impossíveis, miseráveis. E, às suas críticas, respondiam: “É tudo o podemos comer com o dinheiro que sobra!”.

Será que ele às vezes se deixava censurar? Será que, ao contrário, tinha pressa de partir?

– Que horas ele escolhia para sair?

– Não tinha hora! Achávamos que ele estava no jardim, ou ocupado, na garagem, limpando o carro... De repente, ouvíamos o motor...

– E a senhora tentou segui-lo... Com um táxi?

– Mandei um deles ficar três dias estacionado a cem metros daqui... Mas, já em Antibes, William nos fez perder sua pista pelas ruelas... Mas sei onde ele guardava o carro... Numa oficina de Cannes... Deixava-o lá todo o tempo que durava a sua fuga...

– Embora ele talvez tomasse o trem para Paris ou outro lugar?

– Talvez.

– Mas talvez também ficasse por aqui?

– Seria estranho que ninguém o tivesse visto...

– Foi na volta de uma novena que ele morreu?

– Foi... Havia sete dias que tinha partido...

– E encontraram o dinheiro com ele?

– Dois mil francos, como sempre.

– O senhor quer a minha opinião? – interveio a velha. – Pois bem: William devia ter uma renda muito maior... Talvez quatro mil... Talvez cinco... Preferia gastar o resto sozinho... E nos condenava a viver com uma quantia irrisória...

Maigret estava afundado na poltrona de Brown. À medida que prosseguia o interrogatório, o sorriso se acentuava em seus lábios.

– Ele era muito mau?

– Ele? Era o melhor dos homens...

– Esperem! Nós vamos, se permitirem, reconstituir o decorrer de um dia inteiro. Quem se levantaria primeiro?

– William... Ele dormia a maior parte do tempo no divã que fica no vestíbulo. Já ouvíamos suas idas e vindas quando o dia mal havia clareado... Eu lhe disse mil vezes...

– Desculpe! Era ele quem preparava o café?

– Era... Quando nós descíamos, por volta das dez horas, havia café na cafeteira. Mas estava frio...

– E Brown?

– Trabalhava... No jardim... Na garagem... Ou se sentava em frente ao mar... Era a hora do mercado... Ele tirava o carro... Outra coisa que eu jamais consegui dele: que se lavasse e vestisse antes de ir ao mercado... Estava sempre de pijama debaixo do casaco, chinelos, cabelos sem pentear... Íamos a Antibes... Ele esperava na frente das lojas...

– Mudava de roupa na volta?

– Às vezes, sim! Às vezes, não! Já passou quatro ou cinco dias sem se lavar.

– Onde comiam?

– Na cozinha! Quando não se tem empregada, não é possível sujar todos os cômodos...

– E à tarde?

Ora! Elas faziam a sesta. Depois, por volta das cinco horas, voltavam-se a arrastar os chinelos pela casa!

– Muitas discussões?

– Quase nunca! E, no entanto, quando alguém lhe dizia alguma coisa, William tinha um jeito insultante de se calar...

Maigret não ria. Começava a se sentir realmente companheiro daquele bendito Brown.

– Então, ele foi assassinado... Isso poderia ter acontecido enquanto atravessava o jardim... Mas como as senhoras acharam sangue no carro...

– Que interesse teríamos nós em mentir?

– Sem dúvida! Então, ele foi morto em outro lugar! Ou melhor, ferido! E, em vez de ir a um médico, ou à polícia, veio dar aqui... As senhoras transportaram o corpo para o interior da casa?

– Não podíamos deixá-lo lá fora!

– Agora, me digam por que não avisaram as autoridades... Tenho certeza de que têm uma excelente razão...

E a velha, de pé, categórica:

– Sim, senhor! Vou lhe dizer qual a razão! Aliás, mais dia menos dia o senhor descobriria a verdade! Brown foi casado, há muito tempo, na Austrália... Porque ele é australiano... Sua mulher ainda vive... Ele sempre se recusou a lhe dar o divórcio e ela sabe por quê. Se, hoje, não vivemos mais na mais bela mansão da Côte d'Azur, é por causa dela...

– Estiveram com ela?

– Ela nunca saiu da Austrália... Mas fez tantas e tão bem feitas que conseguiu que o marido fosse posto sob intervenção judiciária... Há dez anos somos nós, nós vivemos com ele, nós cuidamos dele, nós o consolamos. Graças a nós, algum dinheiro foi guardado... Pois então! Se...

– Se a sra. Brown tomasse conhecimento da morte do marido, teria mandado arrestar tudo!

– Exatamente! Nós nos teríamos sacrificado à toa! E não é só isso! Eu não sou carente de recursos! Meu marido era do exército e continuo recebendo uma pequena pensão... Muitas coisas que estão aqui me pertencem... Mas essa mulher tem a lei a favor dela e teria simplesmente nos posto na rua...

– Então, as senhoras hesitaram... Pesaram os prós e os contras durante três dias na presença do cadáver, que com certeza estava deitado no divã do vestíbulo...

– Durante dois dias! Foi no segundo dia que o enterramos...

– As duas sozinhas! Depois juntaram o que havia de mais precioso na casa e... Aliás, aonde queriam ir?

– Para qualquer lugar! Bruxelas, ou Londres...

– Já havia dirigido um carro? – perguntou Maigret a Gina.

– Nunca! Mas já tinha ligado o motor na garagem!

Heroísmo, em suma. Era quase inacreditável, aquela partida, o cadáver no jardim, as três malas pesadas e o carro que dava pinotes...

Maigret começava a não aguentar mais a atmosfera, o cheiro de almíscar, a luz rosada filtrada pelo abajur.

– As senhoras permitem que eu dê uma olhada na casa?

Elas haviam retomado a desenvoltura, a dignidade. Talvez até mesmo estivessem desconcertadas com aquele comissário que tornava as coisas tão simples, que tinha o ar de, no fundo, achar tudo muito natural!



– O senhor não vai reparar na desordem, não é mesmo?

E como! Aliás, aquilo não podia ser chamado de desordem. Era sórdido! Lembrava uma cova em que os animais vivem em seu próprio cheiro, entre restos de comida e de dejetos, mas lembrava também o interior burguês, com seus orgulhosos exageros.

Num cabide de parede, havia um velho sobretudo de William Brown. Maigret revistou os bolsos, retirou um par de luvas gastas, uma chave, uma caixa de balas de anis.

– Ele costumava consumir anis?

– Quando bebia, para que não descobríssemos pelo hálito! Porque lhe proibíamos o uísque... A garrafa estava sempre escondida...

Acima do cabide, uma cabeça de cervo, com os chifres. E, mais adiante, um suporte de madeira com uma bandeja de prata para os cartões de visita!

– Ele estava usando este sobretudo?

– Não! A capa de chuva...

As venezianas da sala de jantar estavam fechadas. A peça só servia de depósito, e Brown devia gostar de pescar, porque no chão havia cestas para lagostas.

Depois a cozinha, onde o forno nunca tinha sido aceso. Era o fogareiro a álcool que funcionava. Perto dele, cinquenta ou sessenta garrafas vazias, que haviam contido água mineral.

– A água daqui tem calcário demais e...

A escada tinha um tapete gasto, mantido no lugar por barras de cobre. Bastava seguir o almíscar para chegar ao quarto de Gina.

Sem vaso sanitário, sem banheiro. Vestidos em desordem em cima da cama, que ela não arrumara. Ali foram separadas as roupas para que só fossem levadas as melhores.

Maigret preferiu não entrar no quarto da velha.

– Partimos tão às pressas... Fico envergonhada por lhe mostrar a casa neste estado.

– Voltarei a visitá-las.

– Estamos livres?

– Quero dizer que não voltarão para a prisão... Pelo menos por enquanto... Mas, se tentarem sair de Antibes...

– De modo algum!

Levaram-no até a porta. A velha se lembrava das boas maneiras.

– Um charuto, senhor comissário?

Gina foi mais longe! Pois não era preciso garantir a simpatia de um homem tão influente?

– Aliás, o senhor poderia levar a caixa. William não os fumará mais...

Era inacreditável! Fora da casa, Maigret se sentia bêbado! Tinha ao mesmo tempo vontade de rir e de trincar os dentes! Passado o portão, via-se, dando meia-volta, uma imagem tão diferente da mansão, toda branca em meio às plantas!

A lua estava bem no ângulo do telhado. À direita, o mar brilhante, e as mimosas que estremeciam...

Levava a capa de chuva debaixo do braço. Voltou ao Hotel Bacon sem pensar, tomado por impressões vagas, às vezes desagradáveis, às vezes cômicas.

– William, que figura!

Era tarde. Não havia mais ninguém no restaurante, exceto uma garçonete que aguardava lendo o jornal. Foi então que ele percebeu que não tinha trazido sua própria capa de chuva e sim a de Brown, imunda, manchada de óleo e graxa.

No bolso da esquerda havia uma chave inglesa, no da direita um punhado de moedas e algumas peças quadradas, de cobre, marcadas com um número.

Fichas para aqueles caça-níqueis que existem nos balcões dos bares.

Havia dez delas.

– Alô. Aqui é o inspetor Boutigues. O senhor quer que eu vá buscá-lo no hotel?

Eram nove horas da manhã. Desde as seis, Maigret tinha aberto a janela e dormia um sono intermitente, voluptuoso, com a consciência de que o Mediterrâneo se estendia à sua frente.

– Para fazer o quê?

– O senhor não quer ver o cadáver?

– Sim... Não... Talvez à tarde. Telefone-me na hora do almoço.

Precisava acordar. Naquela atmosfera matinal, as histórias da véspera não lhe pareciam mais tão reais. E lembrava-se das duas mulheres como de um pesadelo indefinido.

Elas ainda não tinham se levantado. E Brown, se estivesse vivo, estaria ocupado trabalhando em seu jardim ou na garagem! Sozinho! Sem se lavar! E o café frio à espera, na cafeteira sobre o fogo apagado.

Enquanto se barbeava, viu as fichas, sobre a lareira. Precisou fazer um esforço para se lembrar o que representavam naquele caso.

– Brown foi fazer sua novena e foi morto ou antes de entrar no carro ou dentro do carro ou atravessando o jardim ou na casa...

Sua bochecha direita já estava livre do sabão quando ele resmungou:

– Brown com certeza não frequentava os barzinhos de Antibes... Teriam me dito...

E, por outro lado, Gina não tinha descoberto que ele estacionava o carro em Cannes?

Quinze minutos depois, ele telefonava para a polícia de Cannes.

– Comissário Maigret, da Polícia Judiciária... O senhor pode me dar a relação de bares que possuem caça-níqueis?

– Não existem mais! Foram suprimidos há dois meses, por decreto da Prefeitura... O senhor não os encontrará mais na Côte d'Azur...

Perguntou à dona do hotel onde poderia encontrar um táxi.

– Para onde?

– Cannes.

– Então não precisa de táxi. Há um ônibus a cada três minutos, na Place Macé...

Era verdade. A Place Macé, ao sol da manhã, era ainda mais alegre do que na véspera. Brown devia passar por ali quando levava suas duas mulheres ao mercado.

Maigret pegou o ônibus. Meia hora depois, estava em Cannes, onde se dirigiu à oficina que lhe haviam indicado. Era perto da Croisette. Branco por toda parte. Imensos hotéis brancos! Lojas brancas. Calças brancas e vestidos brancos. Velas brancas ao mar.

Dava para acreditar que a vida não passava de um espetáculo musical, um espetáculo em branco e azul.

– Era aqui que o sr. Brown guardava o carro?

– Pronto!

– Pronto o quê?

– Vão me criar problemas! Bem que desconfiei quando soube que ele tinha sido assassinado... Era aqui, sim! Não tenho o que esconder... Ele trazia a máquina à noite e vinha buscá-la oito ou dez dias depois...

– Bêbado de cair?

– Como eu sempre o vi, ora!

– E o senhor não sabia aonde ele ia depois?

– Quando? Depois de deixar o carro aqui? Menor ideia!

– E o senhor mandava limpar, lubrificar?

– De jeito nenhum! Há um ano ele não trocava o óleo.

– O que o senhor acha dele?

O garagista deu de ombros.

– Nada!

– Um excêntrico?

– Há tantos aqui na Côte que a gente se acostuma! Nem prestamos mais atenção... Veja! Ainda ontem, uma mocinha americana veio me pedir para fazer uma carroceria em forma de cisne... Contanto que ela pague...

Faltavam as máquinas! Maigret entrou num bar, perto do porto, onde só havia marinheiros de iates.

– Vocês não têm caça-níqueis?

– Foram proibidos há um mês... Mas vão nos entregar um novo modelo, que será proibido daqui a dois ou três meses...

– Eles ainda existem em algum lugar?

O dono do bar não disse nem que sim nem que não.

– O que o senhor quer beber?

Maigret pediu um vermute. Olhava os iates alinhados no porto, depois os marinheiros que tinham o nome de seus barcos bordados nos suéteres.

– O senhor não conhecia Brown?

– Que Brown? O que foi morto? Ele não vinha aqui...

– E a que lugares ele ia?

Gesto vago. O dono servia outras pessoas. Fazia calor. Embora ainda estivessem em março, a pele ficava úmida, com um cheiro de verão.

– Ouvi falar dele, mas não sei mais por quem – veio dizer o homem, uma garrafa na mão.

– Paciência! O que estou procurando é um caça-níqueis...

Brown usava sua capa de chuva durante a novena. Ora, quando voltava, era mais do que provável que seus bolsos fossem revistados pelas duas mulheres.

Portanto, as fichas datavam da última semana...

Tudo aquilo era vago, inconsistente. E havia aquele sol que dava a Maigret vontade de se sentar numa varanda, como os outros, e olhar os barcos que mal se moviam nas águas tranquilas.

Bondes de cor clara... Belos automóveis... Ele descobriu a rua comercial da cidade, paralela à Croisette...

– O fato é que – resmungou – se Brown fazia suas novenas em Cannes, não era aqui...

Caminhou. Parava de vez em quando para entrar num bar. Tomava um vermute e falava sobre caça-níqueis.

– É periódico. A cada três meses, retiram todos. Depois instalam outros e nos deixam em paz por três meses...

– Não conheceu Brown?

– O Brown que foi assassinado?

Era monótono. Passava de meio-dia. O sol caía em cheio sobre as ruas. Maigret tinha vontade de abordar um guarda de trânsito, como um turista animado, e perguntar:

– Onde é que a gente se diverte?

Se a sra. Maigret estivesse lá, acharia que ele estava com os olhos um pouco brilhantes demais, por conta de todos aqueles vermute.

Dobrou uma esquina, depois outra. E de repente não era mais Cannes, com seus grandes prédios brancos ao sol, mas um mundo novo, com ruelas de um metro de largura, roupa pendurada em arames que iam de uma casa a outra.

À direita, uma tabuleta: Aux Vrais Marins.

À esquerda, uma tabuleta: Liberty Bar.

Maigret entrou no Aux Vrais Marins, pediu um vermute, no balcão.

– Ora! Eu achava que vocês tivessem um caça-níqueis.

– *Tínhamos!*

Sentia a cabeça pesada, as pernas moles de tanto andar pela cidade.

– Mas há alguns que ainda têm!

– Alguns! – resmungou o garçom passando um pano no balcão. – Sempre há os que se dão bem. Só que nós não temos nada com isso, não é mesmo?

E olhou para o outro lado da rua, e respondeu a outra pergunta de Maigret:

– Dois francos e 25... Não tenho troco para lhe dar...

Então o comissário empurrou a porta do Liberty Bar.

# CAPÍTULO III

---

# A AFILHADA DE WILLIAM

A SALA, QUE ESTAVA VAZIA, não tinha mais do que dois metros de largura por três de profundidade. Era preciso descer dois degraus, pois ficava abaixo do nível da rua.

Um balcão estreito. Uma prateleira com uma dúzia de copos. O caça-níqueis. E, afinal, duas mesas.

Ao fundo, uma porta envidraçada, com cortinas de tule. Atrás da cortina, adivinhavam-se cabeças que se moviam. Mas ninguém se levantou para receber o freguês. Só uma voz de mulher gritou:

– O que está esperando?

E Maigret entrou. Era preciso descer mais um degrau, e a janela, rente ao chão do pátio externo, parecia um respiradouro. Na luz incerta, o comissário viu três pessoas em torno de uma mesa.

A mulher que tinha gritado e continuava a comer olhava-o como ele mesmo costumava olhar para as pessoas, com calma, sem perder um só detalhe.

Cotovelos sobre a mesa, ela afinal suspirou, indicando com o queixo um tamborete.

– O senhor demorou!

Perto dela, havia um homem que Maigret só via de costas, um homem usando um uniforme de marinheiro muito limpo. Os cabelos claros eram muito curtos. A camisa tinha punhos duplos.

– Coma tranquilo – disse-lhe a mulher. – Não é nada...

Enfim, do outro lado da mesa, uma terceira pessoa, uma mulher jovem de pele opaca, cujos grandes olhos fitavam Maigret com desconfiança.

Ela usava um penhoar. Todo o seio esquerdo estava à mostra, mas ninguém se importava.

– Sente-se! O senhor permite que continuemos a comer?

Teria 45 anos? Cinquenta? Ou mais? Difícil dizer. Era gorda, sorridente, segura de si. Era possível sentir que nada a assustava, que ela já tinha visto de tudo, ouvido de tudo, sentido tudo.

Um olhar lhe bastara para adivinhar o que Maigret tinha ido fazer. E ela nem mesmo se levantou. Cortava grossas fatias de um pernil que chamou por um instante a atenção de Maigret, pois raramente via um tão gordo.

– Então, pois é, o senhor é de Nice, de Antibes? Nunca o vi...

– Polícia Judiciária, de Paris...

– Ah!

E aquele “Ah!” dizia que ela compreendia a diferença, apreciava o nível do visitante.

– Então será mesmo verdade?

– O quê?

– Que William era algum tipo de gente importante...

Agora, Maigret via o marinheiro de perfil. Não era um marinheiro qualquer. Seu uniforme era de linho fino. Tinha um galão dourado, um escudo com as armas de um clube no quepe. Parecia aborrecido por estar ali. Comia sem olhar para outra coisa além do prato.

– Quem é?

– Sempre o chamamos de Yan... Não sei nem mesmo nome dele... É garçom a bordo do *Ardena*, um iate sueco que vem todos os anos passar o inverno em Cannes... Yan é o maître... Não é, Yan? Este senhor é da polícia... Eu já te contei a história de William...

O outro aprovava com a cabeça, sem dar a impressão de entender muito bem.

– Ele concorda, mas não sabe direito o que acabo de dizer! – disse a mulher sem se preocupar com o marinheiro. – Não consegue se acostumar com o francês... É boa gente... Tem mulher e filhos em seu país... Mostra a foto, Yan! Foto, é...

E o homem tirou uma fotografia do bolso da camisa. Mostrava uma moça sentada à soleira de uma porta e dois bebês na grama, diante dela.

– Gêmeos! – explicava a dona do lugar. – Yan vem de vez em quando comer aqui, porque se sente em família. Foi ele quem trouxe o pernil e os pêssegos...

Maigret olhava para a moça que continuava a não se importar em cobrir o seio.

– E... esta...

– É Sylvie, a afilhada de William...

– Afilhada?

– Oh! Não na igreja! Ele não assistiu ao batismo... Pelo menos você é batizada, Sylvie?

– Claro!

Continuava a olhar para Maigret com desconfiança, enquanto mordiscava a comida, sem apetite.

– William gostava dela... Ela lhe contava suas misérias... Ele a consolava...

Maigret estava sentado sobre um tamborete, cotovelos sobre os joelhos, queixo nas mãos. A mulher gorda preparava uma salada com alho que parecia uma absoluta obra-prima.

– O senhor já comeu?

Ele mentiu.

– Já... Eu...

– Porque eu devo dizer... Aqui, ninguém se importa... Não é verdade, Yan? Olhe só para ele! Diz que sim e não entendeu nada... Eu gosto deles, desses garotos do Norte!

Ela provou a salada, acrescentou um fio de azeite de oliva com perfume de frutas. Não havia toalha sobre a mesa, o que talvez não fosse muito higiênico. Uma escada começava na própria cozinha e devia levar a um mezanino. Num canto, uma máquina de costura.

O pátio estava cheio de sol, tanto que o respiradouro se recortava como um retângulo ofuscante e que, em contraste, dava a impressão de que se estava numa penumbra fria.

– O senhor pode me interrogar... Sylvie sabe de tudo... Quanto a Yan...

– A senhora tem este bar há muito tempo?



– Talvez uns quinze anos... Fui casada com um inglês, um antigo acrobata, e tínhamos como fregueses todos os marinheiros ingleses, além dos artistas de teatro musical... Meu marido se afogou há nove anos, nas regatas... Corria na equipe de uma baronesa que tem três barcos e que o senhor deve conhecer...

– E desde então?

– Nada! Tomo conta da casa...

– Tem muitos fregueses?

– Não faço questão... São mais amigos, como Yan, como William... Eles sabem que sou sozinha e gosto de companhia... Vêm beber alguma coisa, ou trazem um peixe, um frango, e eu cozinho...

Encheu os copos, constatou que Maigret não tinha um.

– Você deveria ir pegar um copo para o comissário, Sylvie.

A moça se levantou sem dizer uma palavra, dirigiu-se para o bar. Sob o penhoar, estava nua. Calçava sandálias sem meias. Ao passar, roçou em Maigret, sem se desculpar. Nos poucos instantes em que ficou no bar, a outra aproveitou para murmurar:

– Não repare... Ela adorava Will... Então, foi um grande golpe...

– Ela dorme aqui?

– Às vezes sim... Às vezes não...

– O que ela faz na vida?

Então a mulher olhou para Maigret com ar de censura. Parecia dizer: “E é o senhor, um comissário da Polícia Judiciária, quem me faz essa pergunta?”.

Acrescentou de imediato:

– Oh! É uma moça tranquila, não se vende por qualquer centavo...

– William sabia?

Outra vez o mesmo olhar. Será que ela se teria enganado em relação a Maigret? Será que ele não compreendia? Seria preciso botar os pingos nos is?

Yan tinha acabado de comer. Esperava uma brecha para dizer alguma coisa, mas ela adivinhou.

– Claro! Pode ir, Yan... Você vem à noite?

– Se os patrões forem ao cassino...

Levantou-se, hesitante quanto a cumprir os rituais tradicionais. Mas, como a mulher lhe estendia a testa, depositou nela um beijo automático, enrubescendo por causa de Maigret. Encontrou Sylvie, que voltava com um copo.

– Você está indo?

– Estou.

E ele a beijou do mesmo jeito, esboçou uma espécie de cumprimento na direção de Maigret, apressou o passo, literalmente mergulhou na rua, ajeitando o quepe.

– Um rapaz que não gosta de se divertir, como a maioria dos marinheiros de iate... Prefere vir aqui...

Ela também terminara de comer. Punha-se à vontade, os dois cotovelos sobre a mesa.

– Você faz o café, Sylvie?

Mal se ouvia o barulho da rua. Sem o retângulo de sol, nem mesmo se podia dizer a que horas do dia ou da noite se vivia ali.

Um despertador, colocado sobre a lareira, marcava a passagem do tempo.

– Então, o que exatamente o senhor quer saber? À sua saúde... Ainda é do uísque de William...

– Qual o seu nome?

– Jajá... Para implicar comigo, dizem a gorda Jajá...

E ela olhava seu peito enorme que descansava sobre a mesa.

– Conhece William há muito tempo?

Sylvie retomara seu lugar e, segurando o queixo com a mão, não tirava os olhos de Maigret. A manga do penhoar estava dentro do prato.

– Eu diria que quase desde sempre. Mas só sei seu nome todo desde a semana passada... É preciso que eu lhe diga que, no tempo do meu marido, o Liberty Bar era famoso... Sempre havia artistas... E isso atraía a clientela rica, que vinha para vê-los...

“Sobretudo os donos dos iates, que são quase todos festeiros e excêntricos... Lembro-me de ter visto William várias vezes, naquela época, de quepe branco, acompanhado de amigos e mulheres bonitas...

“Eram bandos bebendo champanhe até de manhãzinha e oferecendo rodadas para todos...

“Depois, meu marido morreu... Fechei por um mês... Não era alta temporada... No inverno seguinte, precisei passar três semanas no hospital por conta de uma peritonite...

“Alguém tinha se aproveitado de tudo isso para abrir outra casa bem no porto...

“Desde então, anda calmo... Nem saio em busca de clientes...

“Um dia, vi William voltar e foi só aí que realmente o conheci... Tomamos porres... Contamos casos... Ele dormiu no divã, porque não conseguia ficar em pé...”

– Ele continuava a usar seu quepe de iatista?

– Não! Ele não era mais o mesmo. Seus pileques eram tristes... Criou o hábito de vir me visitar de tempos em tempos...

– A senhora sabia o endereço dele?

– Não. Não era meu papel fazer perguntas. E ele nunca falava de negócios...

– Passava muito tempo aqui?

– Três, quatro dias... Trazia comida... Ou me dava dinheiro para ir ao mercado... Dizia que em lugar nenhum se comia bem como aqui...

E Maigret olhava para a carne rosada do pernil, o resto da salada perfumada. Era realmente apetitoso.

– Sylvie já estava com a senhora?

– Mas imagine! Ela só tem 21 anos...

– Como a conheceu?

E, como Sylvie fazia uma cara amuada, Jajá lhe disse:

– O comissário sabe das coisas, vamos! Foi uma noite em que William estava aqui... Estávamos só os dois no bar... Sylvie chegou com uns fulanos que tinha encontrado não sei onde, caixeiros-viajantes ou qualquer coisa do gênero... Já estavam altos... Pediram bebidas... Quanto a ela, a gente via de cara que era novata... Queria levá-los antes que estivessem bêbados... Não sabia como fazer... E o que era esperado, aconteceu... No fim, eles estavam tão bêbados que não ligaram mais para ela e a deixaram aqui... Ela chorava... Confessou que acabava de chegar de Paris para a alta temporada e que não tinha nem com que pagar um hotel... Dormiu aqui comigo... Criou o hábito de vir...

– Em suma – resmungou Maigret –, todas as pessoas que vêm aqui criam esse hábito...

E a velha, feliz da vida:

– O que o senhor quer? É a casa de Deus! Não nos incomodamos. Vivemos cada dia como se apresenta...

Era sincera. Seu olhar desceu devagar até o peito da moça e ela suspirou:

– Uma pena que ela não tenha mais saúde... A gente vê as costelas... William queria lhe pagar um mês numa casa de saúde, mas ela nunca quis...

– Desculpe, mas William... e ela...

Foi a própria Sylvie quem respondeu, furiosa:

– Nunca! Não é verdade...

E a gorda Jajá explicou, adoçando o café:

– Ele não era homem disso... Principalmente com ela... Não digo que de vez em quando...

– Com quem?

– Mulheres... Mulheres que ele pegava em qualquer lugar... Mas era raro... E isso não lhe interessava...

– A que horas ele saiu daqui, na sexta-feira?

– Logo depois do almoço... Deviam ser duas horas, como hoje...

– E ele não disse aonde ia?

– Nunca falava disso...

– Sylvie estava aqui?

– Saiu cinco minutos depois dele.

– Para ir aonde? – perguntou Maigret à interessada.

E ela, com desdém:

– Mas que pergunta!

– Para o porto? É lá que...

– Lá e em outros lugares!

– Não havia ninguém mais no bar?

– Ninguém... Fazia muito calor... Dormi por uma hora numa cadeira...

Ora, eram mais de cinco horas quando William Brown chegara a Antibes com seu carro!

– Ele frequentava outros bares como este?

– Nenhum! Aliás, os outros não são iguais a este.

Sem dúvida! O próprio Maigret, que só estava ali há uma hora, tinha a impressão de conhecê-lo desde sempre. Talvez porque não houvesse funcionários ou ainda por causa daquela atmosfera de vida preguiçosa, descansada.

Era difícil ter coragem para se levantar, para partir. O tempo escoava devagar. Os ponteiros do despertador avançavam sobre o mostrador. E o retângulo de luz diminuía, no respiradouro.

– Li os jornais... Eu nem sabia o sobrenome de William... Mas reconheci a foto... Choramos, Sylvie e eu... O que ele podia estar fazendo com aquelas duas mulheres? Na nossa situação, não devemos nos meter nesses assuntos, não é mesmo? Eu estava esperando que a polícia aparecesse a qualquer momento... Quando o senhor saiu do bar em frente, desconfiei...

Falava devagar. Enchia os copos. Bebia seu drinque em pequenos goles.

– Quem fez aquilo é um crápula, porque não existem muitos homens como William... E eu entendo disso!

– Ele nunca lhe falou do passado?

Ela suspirou. Será que Maigret não compreendia que ali era exatamente *a casa na qual nunca se falava do passado*?

– Tudo o que posso lhe dizer é que ele era um cavalheiro! Um homem que foi muito rico, que talvez ainda fosse... Não sei... Ele teve um iate, montes de empregados...

– Ele era triste?

Ela suspirou outra vez.

– O senhor não compreende? O senhor viu Yan... Ele é triste? Mas não é a mesma coisa... Eu sou triste? Não impede que a gente beba, e que conte coisas que não têm continuação, e que se tenha vontade de chorar...

Sylvie a olhava com ar de reprovação. Era verdade que ela só tinha tomado café, enquanto a gorda Jajá estava na terceira dose.

– Estou bem contente que o senhor tenha vindo, porque assim fico em paz... Não temos nada a esconder, nada a nos censurar... Mas sabemos muito bem, ainda assim, que com a polícia... Veja! Se fosse a polícia de Cannes, tenho certeza de que me mandariam fechar...

– William gastava muito dinheiro?

Será que ela desistiria de tentar fazê-lo compreender a situação?

– Gastava sem gastar... Dava o bastante para comprar o que comer e beber... Às vezes, pagava a conta do gás e da luz, ou dava cem francos a Sylvie, para que comprasse meias.

Maigret estava com fome. E havia aquele pernil saboroso a poucos centímetros de suas narinas. No prato, sobravam dois pedaços cortados. Pegou um com os dedos e comeu, enquanto falava, como se fosse também de casa.

– Sylvie traz os clientes aqui?

– Nunca! Aí mesmo é que mandariam fechar... Há muitos hotéis para isso em Cannes.

No mesmo instante, ela virou o rosto. Sylvie esticou-se um pouco para ver através do tule a porta envidraçada. A porta da rua tinha sido aberta. Alguém atravessava o bar, empurrava a outra porta, parava, surpreso, ao ver um rosto novo.

Sylvie se levantara. Jajá, talvez um pouco vermelha, dizia ao recém-chegado:

– Entre! Este é o comissário que cuida do caso de William...

E, para Maigret:

– Um amigo... Joseph... Ele é garçom no cassino...

Percebia-se pelo peitilho branco da camisa, pela gravata borboleta preta que Joseph usava sob um terno cinza, com sapatos de verniz.

– Vólto depois... – disse ele.

– Não... Entre...

Ele não se decidia.

– Estava passando, só vim dar bom-dia... Mas tenho um palpite para o segundo e...

– Você joga nos cavalos?

– De vez em quando... Há clientes que me dão palpites... Preciso correr...

E bateu em retirada, não sem que o comissário tivesse a impressão de que ele fazia um sinal a Sylvie, que tinha voltado a sentar. Jajá suspirava:

– Vai perder de novo... Ele não é mau rapaz...

– Preciso me vestir! – disse Sylvie levantando-se e descobrindo, entre as dobras do penhoar, a maior parte do corpo, sem provocação, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Subiu a escada até o mezanino, de onde veio o som de suas idas e vindas. Pareceu a Maigret que a gorda Jajá apurava os ouvidos.

– Ela também joga às vezes... Foi ela quem mais perdeu com a morte de William...

Maigret se levantou de repente, passou pelo bar, abriu a porta da rua. Mas era tarde demais. Joseph se afastava a passos largos, sem se virar, ao mesmo tempo em que uma janela se fechava no mezanino.

– O que deu no senhor?

– Nada... Só uma ideia...

– Mais uma dose? O senhor sabe... Se gostar do pernil...

Sylvie já descia, transformada, irreconhecível num costume azul marinho que lhe dava um ar de mocinha. Uma blusa de seda branca tornava verdadeiramente desejáveis seus pequenos seios trêmulos, que, no entanto, Maigret tinha visto por tanto tempo. A saia moldava seu ventre estreito, de ancas nervosas. As meias de seda estavam bem esticadas nas pernas.

– Até logo mais!

E ao mesmo tempo beijava Jajá na testa, virava-se para Maigret, hesitava. Teria vontade de sair sem se despedir dele ou de lhe dizer um desaforo?

De qualquer maneira, deixava clara sua atitude de inimiga. Não fazia questão de disfarçar.

– Bom dia... Imagino que não precise mais de mim.

Estava tensa. Esperou um instante e saiu com passo decidido.

Jajá ria, enchendo os copos.

– Não ligue... Essas meninas ainda não sabem pensar. O senhor quer que eu lhe dê um prato, para que prove a minha salada?

O bar vazio, na frente, com a única vitrine dando para a ruazinha; acima, no alto da escada em caracol, o mezanino, que deveria estar desarrumado; o respiradouro e o pátio de onde o sol se retirava aos poucos...

Um estranho universo, no centro do qual Maigret estava instalado diante dos restos de uma salada perfumada, na companhia da mulher gorda que parecia se apoiar sobre o peito abundante e suspirava:

– Quando eu tinha a idade dela, me mandavam andar de outra maneira!

Não precisava se explicar. Ele a imaginava muito bem, em algum lugar nos arredores da porta Saint-Denis ou do Faubourg Montmartre, num vestido de seda vistoso, vigiada, através dos vidros de algum bar, por um amigo intransigente.

– Hoje...

Ela tinha abusado um pouco demais da homenagem à garrafa. Os olhos se umedeceram olhando para Maigret. A boca infantil contraiu-se num presságio de lágrimas.

– O senhor me faz pensar em William... Aí era o lugar dele... Ele também punha o cachimbo ao lado do prato para comer... Tinha os mesmos ombros... O senhor sabe que se parece com ele?

Contentou-se em enxugar os olhos, sem chorar.

# CAPÍTULO IV

---

# A GENCIANA

ERA A HORA COR-DE-ROSA, equívoca, em que a umidade do sol poente se dissipa no frescor da noite próxima. Maigret saía do Liberty Bar como se sai de um lugar de má fama, mãos enfiadas nos bolsos, chapéu sobre os olhos. Entretanto, depois de uma dezena de passos, sentiu vontade de se virar, como para se assegurar da realidade daquela atmosfera que deixava para trás.

O bar ali estava, apertado entre duas casas, com sua fachada estreita, pintada de um marrom feio, e as letras amarelas da tabuleta.

Atrás do vidro, havia um vaso de flores e, bem perto, um gato adormecido.

Jajá devia estar cochilando também, nos fundos, sozinha ao lado do despertador que contava os minutos...

No final da ruela, renascia-se para a vida normal: lojas, gente vestida como todo mundo, carros, um bonde, um guarda de trânsito...

Depois, à direita, a Croisette, que se parecia muito, naquela hora, às aquarelas de propaganda que o Sindicato de Iniciativa de Cannes reproduz e coloca nas lojas de luxo.

Era tudo suave, tranquilo... Gente andando sem pressa... Carros deslizando sem ruído, como se sem motor... E todos aqueles iates claros na água do porto...

Maigret se sentia exausto, idiotizado, e no entanto não tinha vontade de voltar a Antibes. Ia e vinha sem destino, parando sem saber por que, voltando a andar em qualquer direção, como se a parte consciente de seu ser tivesse ficado no antro de Jajá, junto à mesa não arrumada, na qual, ao meio-dia, estivera sentado um correto marinheiro sueco, diante de Sylvie de seios nus.

Durante seis anos, William Brown vivera lá vários dias por mês, numa preguiça calorosa, junto a Jajá, que, depois de alguns copos, choramingava e adormecia na cadeira.

– A genciana, caramba!

Maigret estava encantado por ter encontrado o que procurava há quinze minutos sem mesmo se dar conta! Desde que saíra do Liberty Bar, esforçava-se para defini-lo, para livrá-lo de sua originalidade superficial, para só conservar a alma do lugar. E conseguira! Lembrava-se da frase de um amigo a quem havia oferecido um aperitivo.

– O que você quer beber?

– Uma genciana!

– Que nova moda é essa?

– Não é moda! É o último recurso do bêbado, meu velho! Você conhece genciana. É amarga. Nem mesmo tem álcool. Pois muito bem! Quando, durante trinta anos, você se embriagou com diversas bebidas, esse é o único vício que resta, esse amargor que emociona as papilas...

Era exatamente aquilo! Um lugar sem vício, sem maldade! Um bar no qual se entrava direto na cozinha e onde se era recebido pela familiaridade de Jajá!

E onde se bebia, enquanto ela fazia a comida! Onde se ia buscar pessoalmente, no açougueiro do



lado, o pedaço de churrasco! Sylvie descia, os olhos cheios de sono, seminua, e recebia um beijo na testa, sem que nem olhassem para seus pobres seios.

Não era muito limpo, nem muito claro. Não se falava muito. A conversa se arrastava, sem convicção, como as pessoas...

Sem mundo exterior, sem agitação. Só um retângulo de sol...

Comer, beber... Cochilar e beber de novo enquanto Sylvie se vestia, puxava as meias sobre as coxas antes de ir trabalhar...

– Até logo, padrinho!

Não era exatamente o caso da genciana do amigo? E o Liberty Bar não era o último refúgio, quando já se tinha visto de tudo, experimentado de tudo em matéria de vícios?

Mulheres sem beleza, sem vaidade, sem desejo, que não se deseja e que se beija na testa, dando-lhes cem francos para ir comprar meias e perguntando, na volta:

– Como foi no trabalho?

Maigret estava um pouco oprimido. Queria pensar em outra coisa. Tinha parado em frente ao porto onde uma leve névoa começava a se elevar a alguns centímetros da superfície da água.

Ultrapassara os pequenos iates, os veleiros de corrida. A dez metros dele, um marinheiro trazia o pavilhão vermelho com uma lua crescente de um enorme barco a vapor branco que devia pertencer a algum paxá.

Mais perto, ele leu, em letras douradas, na popa de um iate de uns quarenta metros: *Ardena*.

Mal acabava de se lembrar da figura do sueco da casa de Jajá quando, levantando os olhos, avistou-o na ponte, de luvas brancas, depositando uma bandeja com chá sobre uma mesa de junco.

O proprietário do barco estava debruçado na amurada, na companhia de duas moças. Ria, mostrando dentes admiráveis. Uma passarela de três metros de comprimento os separava de Maigret, e o comissário, dando de ombros, começou a atravessá-la, quase caindo na gargalhada ao ver o rosto do garçom se decompor.

Há momentos em que se dá um passo menos em benefício próprio do que para fazer alguma coisa, ou ainda para se impedir de pensar.

– Desculpe, senhor...

O proprietário tinha parado de rir. Esperava, virado para Maigret, como as duas mulheres.

– Uma informação, por favor. O senhor conhece um tal de Brown?

– Ele tem um barco?

– Teve... William Brown...

Maigret mal esperava a resposta.

Olhava para seu interlocutor, que deveria ter 45 anos e era realmente distinto, entre as duas mulheres seminuas sob os vestidos.

Dizia a si mesmo: “Brown foi como ele! Também se cercava de mulheres bonitas, bem-vestidas, nas quais cada detalhe do traje é estudado para provocar desejo! Ele as levava, para diverti-las, a pequenas boates e oferecia champanhe para todos...”.

Respondiam, com um sotaque intenso:

– Se for o Brown que estou pensando, ele tinha antigamente aquele grande barco que é o último... O *Pacific*... Mas já foi vendido duas ou três vezes...

– Muito obrigado.

O homem e suas duas companheiras não compreendiam muito bem o sentido da visita de Maigret. Observavam-no se afastar e o comissário ouviu ecoar um risinho de mulher.

O *Pacific*... Só havia dois barcos daquele tamanho no porto, e um deles ficava onde tremulava o pavilhão turco.

Só o *Pacific* tinha um ar de abandono. Em muitos lugares se via a chapa de ferro sob a pintura descascada. Os cobres estavam esverdeados.

Uma pequena tabuleta, sobre a amurada: *Vende-se*.

Era a hora em que os marinheiros dos iates, de banho tomado, duros em seu uniforme, se dirigem à cidade, em grupos, como soldados.

Quando Maigret passou de volta pelo *Ardena*, sentiu os olhares dos três personagens fixos nele, e desconfiou que o garçom o espiava de algum lugar da ponte.

As ruas estavam iluminadas. Maigret teve alguma dificuldade para encontrar a oficina, onde só precisava pedir uma informação.

– A que horas Brown, na sexta-feira, veio apanhar o carro?

Foi preciso chamar o mecânico.

Quase às cinco! Em outras palavras, ele só tivera o tempo necessário para voltar a Cap d'Antibes.

– Estava sozinho? Ninguém o esperava lá fora? E você tem certeza de que ele não estava ferido?

William Brown saíra do Liberty Bar por volta das duas. O que teria feito durante três horas?

Maigret não tinha mais motivos para permanecer em Cannes. Esperou o ônibus, enfiou-se num canto, deixando flutuar um olhar incerto sobre a autoestrada em que os carros, faróis acesos, seguiam em cortejo.

A primeira pessoa que viu, ao descer do veículo na Place Macé, foi o inspetor Boutigues, sentado na varanda do Café Glacier. Ele se levantou depressa.

– Estamos à sua procura desde cedo! Sente-se... O que vai beber? Garçom! Dois Pernods...

– Para mim, não... Uma genciana! – disse Maigret, que queria descobrir o gosto daquela bebida.

– Interroguei primeiro os motoristas de táxi. Como nenhum o tinha transportado, dirigi-me aos dos ônibus. Foi assim que soube que o senhor estava em Cannes...

Ele falava depressa! E com entusiasmo!

Maigret o olhava, mesmo sem querer, de olhos esbugalhados, o que não impedia o inspetor de prosseguir:

– Há apenas cinco ou seis restaurantes nos quais se pode comer direito... Telefonei a todos... Onde diabos o senhor conseguiu comer?

Boutigues teria ficado muito espantado se Maigret lhe contasse a verdade, lhe falasse do pernil e da salada com alho, na cozinha de Jajá, e dos copinhos, e de Sylvie...

– O magistrado não quer fazer nada sem consultá-lo... Ora, há novidades... O filho chegou...

– Filho de quem?

E Maigret fazia uma careta, porque acabava de tomar um gole de genciana.

– O filho de Brown... Ele estava em Amsterdã quando...

Decididamente, Maigret estava com dor de cabeça. Tentava concentrar seu espírito, mas só conseguia com esforço.

– Brown tem um filho?

– Tem vários... Da mulher verdadeira, que mora na Austrália... Só um está na Europa, onde cuida das lãs...

– Lãs?

Naquele momento, Boutigues deve ter tido uma péssima impressão de Maigret. Mas o comissário continuava no Liberty Bar! Mais exatamente, evocava o rapaz do café que jogava nos cavalos e com quem Sylvie falara pela janela...

– Sim. Os Brown são os maiores proprietários de terras da Austrália. Criam carneiros e exportam lã para a Europa... Um dos filhos supervisiona as terras... O outro, em Sydney, cuida das exportações... O terceiro, na Europa, vai de um porto a outro, conforme as lãs se destinem a Liverpool, ao Havre, a Amsterdã ou a Hamburgo... Foi ele que...

– E o que ele diz?

– Que é preciso enterrar o pai o mais depressa possível e que pagará... Está com muita pressa... Precisa pegar o avião de volta amanhã à noite...

– Ele está em Antibes?

– Não! Em Juan-les-Pins... Queria um palácio, com um apartamento só para ele... Parece que precisa ter conexão telefônica durante toda a noite em Nice, para poder falar com Anvers, Amsterdã e não sei mais onde...

– Ele visitou a mansão?

– Fiz a proposta. Ele recusou.

– Então, o que ele fez, afinal?

– Falou com o magistrado! Foi tudo! Insistiu para que as coisas sejam feitas depressa. E perguntou quanto!

– Quanto o quê?

– Quanto custaria.

Maigret olhava a Place Macé com expressão ausente. Boutigues continuava:

– O magistrado esperou pelo senhor a tarde toda, em seu gabinete. Ele não tem como recusar a autorização de sepultamento, agora que a autópsia já foi efetivada... Brown filho telefonou três vezes e afinal lhe foi prometido que o enterro poderia se realizar amanhã no começo da manhã.

– No começo da manhã?

– É, para evitar a multidão... É por isso que estou à sua procura... O caixão será fechado esta noite...

Se bem que, se o senhor quiser ver Brown antes que...

– Não!

Realmente, Maigret não tinha vontade de ver o cadáver! Conhecia William Brown o suficiente sem aquilo!

A varanda estava lotada. Boutigues percebeu que eram observados de diversas mesas, o que não o desagostava. Entretanto, murmurou:

– Falemos mais baixo...

– Onde querem enterrá-lo?

– Mas... No cemitério de Antibes... O carro fúnebre estará no necrotério às sete da manhã... Só me resta confirmar a coisa toda ao Brown filho...

– E as duas mulheres?

– Nada ficou decidido... Talvez o filho prefira...

– Em que hotel disse que ele está hospedado?

– No Provençal. Quer vê-lo?

– Até amanhã! – disse Maigret. – Suponho que o senhor estará no enterro.

Estava num humor estranho, ao mesmo tempo alegre e macabro. Um táxi levou-o ao Provençal, onde foi recebido por um porteiro, depois por outro funcionário cheio de galões, depois afinal por um rapaz magro de preto, acastelado atrás de uma mesa.

– O sr. Brown? Verei se pode receber alguém. Poderia me dizer seu nome?

E campainhas soaram. Idas e vindas do mensageiro. Aquilo durou pelo menos cinco minutos, depois do que foram buscar Maigret para conduzi-lo através de intermináveis corredores até uma porta marcada com o número 37. Atrás da porta, um tique-taque de máquina de escrever. Uma voz irritada:

– Entre!

Maigret se viu diante de Brown filho, o encarregado do departamento Lãs-Europa.

Sem idade. Talvez trinta anos, mas também talvez quarenta. Um rapaz alto e magro, de traços já definidos, escanhado, vestido com um terno correto, uma pérola espetada na gravata preta listrada de branco.

Nem sombra de desordem, de imprevisto. Nem um fio de cabelo fora do lugar. E nenhum sobressalto com a presença do visitante.

– O senhor me desculpa um instante? Sente-se...

Uma datilógrafa estava instalada em frente à mesa Luís XV. Um secretário falava inglês ao telefone.

E Brown filho acabava de ditar um telegrama, em inglês, que tratava de perdas e danos devidos a uma greve de estivadores.

O secretário chamou:

– Sr. Brown...

Estendeu-lhe o fone.

– Alô! Alô! Yes!...

Ouviu por muito tempo, sem uma palavra de interrupção, e lançou afinal, no momento de desligar:

– No!

Apertou uma campainha elétrica, perguntou a Maigret:

– Um vinho do Porto?

– Não, obrigado.

E, quando o maître se apresentou, pediu mesmo assim:

– Um Porto.

Fazia tudo aquilo sem emoção, mas com ar preocupado, como se, de seus menores atos e gestos, do menos estremecimento de seus traços, dependessem os destinos do mundo.

– Escreva no meu quarto! – disse à datilógrafa, indicando o cômodo vizinho.

E, ao secretário:

– Telefone ao magistrado.

Sentou-se, afinal, suspirou cruzando as pernas:

– Estou cansado. É o senhor quem cuidará do inquérito?

E empurrou para Maigret o vinho do Porto trazido pelo criado.

– É uma história ridícula, não é mesmo?

– Nem tão ridícula assim! – rosnou Maigret com seu ar menos amável.

– Quero dizer aborrecida...

– Sem dúvida! É sempre aborrecido receber uma facada nas costas e morrer...

O rapaz levantou-se, impaciente, abriu a porta do quarto contíguo, pareceu dar ordens em inglês e voltou para Maigret, a quem estendeu uma cigareira.

– Não, obrigado! Só cachimbo.

O outro apanhou sobre a lareira uma caixa de fumo inglês.

– Do comum! – disse Maigret tirando seu pacote do bolso.

Brown cruzava o salão em largas passadas.

– O senhor sabe, não é, que meu pai levava uma vida muito... escandalosa...

– Tinha uma amante!

– E outras coisas! Muitas outras coisas! O senhor precisa saber, senão o senhor se arrisca a fazer... Como é que vocês dizem? A dar um fora...

O telefone o interrompeu. O secretário correu, atendeu dessa vez em alemão, enquanto Brown lhe fazia gestos negativos. Aquilo demorava demais, Brown se impacientava. E, como o secretário não

acabava rápido o bastante, o rapaz tomou-lhe o fone das mãos e desligou.

– Meu pai veio para a França, há muito tempo, sem minha mãe... E quase nos arruinou...

Brown não parava quieto. Enquanto falava, tinha fechado a porta do quarto atrás do secretário. Tocou o cálice de vinho do Porto com a ponta dos dedos.

– O senhor não bebe?

– Não, obrigado.

Ergueu os ombros com impaciência.

– Nomeamos um conselho tutelar... Minha mãe ficou muito infeliz... Ela trabalhou muito...

– Ah! Foi sua mãe quem salvou os negócios?

– Com meu tio, foi sim!

– Irmão de sua mãe, é claro!

– Yes! Meu pai tinha perdido... Dignidade... é, a dignidade... Então, é melhor que não falemos muito... O senhor compreende?

Maigret ainda não tirara os olhos dele e aquilo parecia deixar o rapaz fora de si. Sobretudo porque era impossível decifrar aquele olhar pesado. Talvez não quisesse dizer nada. Talvez, ao contrário, fosse terrivelmente ameaçador.

– Uma pergunta, sr. Brown. Sr. Harry Brown, pelo que vejo em suas bagagens. Onde estava na última quarta-feira?

Foi preciso esperar que o rapaz tivesse percorrido toda a extensão da sala, duas vezes.

– O que o senhor está imaginando?

– Não estou imaginando coisa alguma. Apenas lhe pergunto onde o senhor estava.

– Isso é importante?

– Talvez sim, talvez não!

– Eu estava em Marselha, por causa da chegada do *Glasco*! Um navio com nossa lã, que está agora em Amsterdã e que não pode descarregar devido à greve dos estivadores...

– Não viu seu pai?

– Não vi...

– Outra pergunta, a última. Quem dava uma mesada a seu pai? E de quanto era?

– Eu! Cinco mil francos por mês... O senhor quer contar isso aos jornais?

A máquina de escrever continuava a se fazer ouvir, a campainha ao final de cada linha, a batida do retorno do carro.

Maigret se levantou, apanhou o chapéu.

– Obrigado.

Brown estava perplexo.

– É tudo?

– É tudo. Obrigado.

O telefone continuava a tocar, mas o rapaz não pensava em atender. Olhava, como se não acreditasse, Maigret se dirigir para a porta.

Então, desesperado, apanhou um envelope sobre a mesa.

– Eu tinha preparado, para o trabalho da polícia...

Maigret já estava no corredor. Um pouco depois, descia a escadaria suntuosa, atravessava o saguão, precedido por um criado de libré.

Às nove horas, jantava, sozinho, no salão de refeições do Hotel Bacon, enquanto consultava o catálogo telefônico. Pediu, um atrás do outro, três números de Cannes. Somente no terceiro, lhe responderam:

– É, é ao lado...

– Perfeito! O senhor me faria a gentileza de dizer à sra. Jajá que o enterro será amanhã, às sete horas, em Antibes... É, o enterro... Ela vai entender...

Ele caminhou um pouco pela sala. Da janela, via, a quinhentos metros, a mansão branca de Brown, onde duas janelas estavam iluminadas.

Teria coragem?

Não! Acima de tudo, tinha sono!

– Elas têm telefone, não têm?

– Têm sim, senhor comissário! O senhor quer que eu ligue?

Brava copeirinha de touca branca, que fazia pensar numa ratinha correndo pela sala!

– Senhor... Uma das senhoras está ao aparelho...

Maigret segurou o fone.

– Alô! Fala o comissário... Sim! Não pude ir visitá-las... O enterro é às sete horas, amanhã pela manhã... Como? Não! Esta noite não... Tenho trabalho... Boa noite, minha senhora.

Devia ser a velha. E com certeza corria, afobada, para dar a notícia à filha. Depois as duas discutiam para saber o que deveriam fazer.

A proprietária do Hotel Bacon havia entrado no salão, sorridente, melosa.

– O senhor gostou da sopa de peixes? Mandei fazê-la especialmente, considerando que...

A sopa? Maigret revolveia suas lembranças.

– Ah, claro! Excelente! Maravilhosa! – apressou-se a dizer com um sorriso polido.

Mas não se lembrava. A sopa estava mergulhada nas sombras das coisas inúteis, misturada com Boutiques, o ônibus, a oficina...

Em matéria de detalhes culinários, havia um que vinha à tona: o pernil de Jajá... Com a salada perfumada ao alho...

Perdão! Havia outro: o cheiro açucarado do vinho do Porto que não tinha bebido, no Provençal, e que se combinava com o cheiro também insípido da loção de Brown filho.

– A senhora, por favor, me mande uma garrafa de água Vittel! – pediu, começando a subir as escadas.

# CAPÍTULO V

---



# O ENTERRO DE WILLIAM BROWN

O SOL JÁ ESTAVA FORTE E SE, nas ruas da cidade, todas as persianas estavam baixadas e as calçadas desertas, a vida do mercado, por outro lado, já começara. Uma vida leve, despreocupada, de gente que se levanta cedo e tem o tempo à sua frente, usando-o mais para gritar em italiano e francês do que para se agitar.

A Prefeitura ergue sua fachada amarela e seus degraus bem no meio do mercado. O necrotério fica no subsolo.

Foi lá que, às dez para as sete, um carro fúnebre parou, todo preto, ridículo, em meio a flores e legumes. Maigret chegou quase ao mesmo tempo e viu se precipitar Boutigues, que, acordado há menos de dez minutos, se havia esquecido de abotoar o colete.

– Temos tempo para tomar alguma coisa... Ninguém chegou ainda...

Empurrou a porta de um barzinho, pediu rum.

– O senhor sabe que foi muito complicado... O filho não tinha pensado em nos dizer quanto queria gastar com o caixão... Ontem à noite, telefonei para ele... Respondeu-me que tanto fazia, mas que deveria ser de boa qualidade... Ora, não havia mais um único caixão de carvalho maciço em Antibes... Trouxeram um de Cannes, às onze da noite... Então pensei na cerimônia... Seria ou não necessário passar pela igreja? Voltei a telefonar para o Provençal, onde me disseram que Brown estava dormindo... Fiz o melhor possível... Veja!

Indicou, a cem metros dali, na praça do mercado, o portal coberto de negro de uma igreja.

Maigret preferiu nada dizer, mas Brown filho lhe dera mais a impressão de ser protestante do que católico.

O bar, na esquina de uma ruela, tinha uma porta dando para cada fachada. No momento em que Maigret e Boutigues saíam por um lado, um homem entrava pelo outro, e seu olhar cruzou com o do comissário.

Era Joseph, o garçom do café de Cannes, que se perguntou se deveria ou não cumprimentar e que se decidiu por um gesto vago.

Maigret supôs que Joseph tinha trazido Jajá e Sylvie a Antibes. Não estava enganado. As duas andavam à sua frente, dirigindo-se para o carro fúnebre. Jajá estava sem fôlego. E a outra, que parecia ter medo de chegar tarde demais, a puxava.

Sylvie usava a roupinha azul que lhe dava um ar de moça de família. Quanto a Jajá, tinha se desacostumado de andar. Talvez tivesse os pés sensíveis, ou as pernas inchadas. Usava um vestido de seda preta muito brilhante.

Pois não deveriam as duas ter precisado se levantar por volta das cinco e meia da manhã para pegar o primeiro ônibus? Um acontecimento único, sem dúvida, no Liberty Bar.

Boutigues queria saber:

– Quem são?

– Não sei... – disse Maigret em tom vago.

Mas no mesmo instante, as duas mulheres pararam e se viraram, pois haviam chegado ao carro fúnebre. E, quando Jajá viu o comissário, precipitou-se para ele.

– Não estamos atrasadas? Onde ele está?

Sylvie tinha olheiras e sempre a mesma reserva hostil em relação a Maigret.

– Joseph as acompanhou?

Ela quase mentiu.

– Quem lhe disse?

Boutigues se mantinha a distância. Maigret avistou um táxi que, não podendo atravessar a multidão no mercado, parava numa esquina.

As duas mulheres que desceram dele causaram sensação, pois estavam de luto profundo, com véus de crepe que quase tocavam o chão.

Era inesperado, debaixo do sol, naquele burburinho de vida alegre. Maigret murmurou para Jajá:

– Com a sua licença...

Boutigues estava inquieto. Pediu ao papa-defuntos, que queria ir buscar o caixão, para ter um pouco de paciência.

– Não estamos atrasadas? – perguntava a velha. – Esse táxi que não chegava...

E, no mesmo instante, seu olhar percebeu Jajá e Sylvie.

– Quem são?

– Não sei.

– Suponho que elas não vão se misturar...

Mais um táxi, cuja porta se abriu antes de parar de todo e do qual desceu um Harry Brown impecável, todo de preto, os cabelos louros bem penteados, a pele fresca. Seu secretário, também de preto, o acompanhava, carregando uma coroa de flores naturais.

Naquele mesmo instante, Maigret percebeu que Sylvie tinha desaparecido. Encontrou-a no meio do mercado, perto das cestas de um florista, e, quando ela voltou, trazia um enorme buquê de violetas de Nice.

Terá sido o que deu às duas mulheres enlutadas a ideia de afastar também? Era possível adivinhar que discutiam ao se aproximar do vendedor. A velha contou moedas e a moça escolheu mimosas.

Enquanto isso, Brown parara a alguns metros do carro fúnebre, contentando-se em esboçar um cumprimento na direção de Maigret e Boutigues.

– Seria melhor preveni-lo quanto ao que preparei para a cerimônia... – suspirou o inspetor.

A parte do mercado mais próxima reduzira seu ritmo e as pessoas acompanhavam o espetáculo com os olhos. Mas, vinte metros adiante, havia outra vez o burburinho habitual, os gritos, os risos e todas aquelas flores, aquelas frutas, aqueles legumes ao sol, e o cheiro de alho, de mimosa.

Quatro funcionários transportavam o caixão, que era enorme, guarnecido de uma profusão de ornamentos de bronze. Boutigues voltava.

– Acho que ele não se importa. Ele deu de ombros...

A multidão se afastava. Os cavalos se punham em marcha. Harry Brown, empertigado, chapéu na mão, caminhava olhando a ponta de seus sapatos engraxados.

As quatro mulheres hesitaram. Olhares foram trocados. Depois, como a multidão voltava a se fechar, viram-se sem querer numa única fileira, logo atrás de Brown filho e seu secretário.

A igreja, cujas portas estavam escancaradas, encontrava-se absolutamente vazia, num frescor que fazia bem.

Brown esperou no alto dos degraus que o ataúde fosse retirado do carro fúnebre. Estava acostumado a cerimônias. Não o incomodava ser o ponto para onde convergiam todos os olhares.

Melhor do que isso: examinava, tranquilo, as quatro mulheres, sem uma curiosidade exagerada.

As ordens tinham sido dadas tarde demais. Percebia-se, no último momento, que se tinham esquecido de avisar ao organista. O padre chamou Boutigues, falou-lhe em voz baixa e, quando o inspetor voltou da sacristia, anunciou, desolado, a Maigret:

– Não haverá música... Seria preciso esperar pelo menos quinze minutos. Ou mais! O organista deve estar pescando...

Algumas pessoas entravam na igreja, davam uma olhada e saíam. E Brown, sempre de pé, sempre empertigado, olhava em volta com a mesma curiosidade tranquila.

Foi uma cerimônia rápida, sem órgãos, sem cânticos. O turíbulo aspergiu água benta. E de imediato os quatro carregadores levaram o caixão.

Já estava quente lá fora. Passaram defronte à vitrine de um cabeleireiro cujo ajudante de camisa branca erguia as persianas. Um homem se barbeava diante da janela aberta. E as pessoas que saíam para o trabalho se viravam, surpresas, para aquele pequeno cortejo, cujo séquito ínfimo não combinava com o suntuoso carro fúnebre de primeira classe.

As duas mulheres de Cannes e as duas mulheres de Antibes continuavam na mesma fileira, mas um metro as separava. Um táxi vazio os seguia. Boutigues, que assumia a responsabilidade pelo cerimonial, estava nervoso.

– O senhor acredita que não haverá escândalo?

Não houve. O cemitério, com todas as suas flores, era tão alegre quanto o mercado. Reencontraram lá, perto de uma cova aberta, o sacerdote e o sacristão, que não tinham visto chegar.

Harry Brown foi convidado a lançar a primeira pá de terra. Depois houve uma hesitação. A velha enlutada empurrou a filha, seguiu-se a ela.

Brown, a passos largos, já voltara para o táxi vazio que esperava à porta do cemitério.

Hesitação, mais uma vez. Maigret mantinha-se à distância, com Boutigues. Jajá e Sylvie não ousavam ir embora sem se despedir dele. Mas as mulheres enlutadas se adiantaram. Gina Martini chorava, embolava o lenço, sob o véu.

Sua mãe perguntava, desconfiada:

– Era filho dele, não era? Suponho que vá querer ir à mansão...

– É possível! Não sei...

– Ainda nos veremos hoje?

Mas ela só olhava para Jajá e Sylvie. Só as duas lhe interessavam.

– De onde elas saíram? Não deveriam permitir que criaturas desse tipo...

Pássaros cantavam em todas as árvores. Os coveiros jogavam a terra num ritmo regular e, à medida que a cova se enchia, o barulho era mais suave. Tinham depositado a coroa e os dois buquês de flores sobre a sepultura vizinha, à espera. E Sylvie continuava virada para aquele lado, o olhar fixo, os lábios descorados.

Jajá se impacientava. Esperava a partida das duas outras para poder falar com Maigret. Secava o rosto, porque sentia calor. E devia sofrer para se manter de pé.

– Sim... Irei visitá-las daqui a pouco...

Os véus negros se afastaram em direção à saída. Jajá aproximou-se com um grande suspiro de alívio.

– São elas? Ele era mesmo casado?

Sylvie ficava para trás, continuava a olhar para a cova quase cheia.

E Boutigues também se enervava. Não ousava ouvir a conversa.

– Foi o filho quem pagou o caixão?

Percebia-se que Jajá não estava à vontade.

– Um enterro estranho! – disse ela. – Não sei por que, mas não foi como eu tinha imaginado... Não consegui nem mesmo chorar...

Era agora que lhe vinha a emoção. Ela olhava para o cemitério e era tomada por um vago mal-estar.

– Não foi nem mesmo triste! A gente diria...

– Diria o quê?

– Não sei... Como se não fosse um enterro de verdade.

E ela abafou um soluço, secou os olhos, virou-se para Sylvie.

– Vamos... Joseph está esperando...

O vigia do cemitério, sobre uma viga, ocupava-se em fatiar um congro.

– O que o senhor acha?

Boutigues estava preocupado. Ele também sentia que alguma coisa não combinava. Maigret acendia o cachimbo.

– Acho que William Brown foi assassinado! – respondeu.

– Evidentemente!

E os dois perambulavam pelas ruas, onde os toldos já eram esticados acima das vitrines. O cabeleireiro da manhã lia o jornal, sentado defronte à porta. Na Place Macé, viram as duas mulheres de Cannes e Joseph esperando o ônibus.

– Tomamos alguma coisa na varanda? – propôs Boutigues.

Maigret aceitou. Estava dominado por uma preguiça quase esmagadora. Imagens múltiplas se sucediam em sua retina, se confundiam, e ele nem mesmo tentava pô-las em ordem.

Na varanda do *Glacier*, por exemplo, ele semicerrava os olhos. O sol cozinhava suas pálpebras. Os cílios cruzados formavam uma grade de sombra atrás da qual pessoas e coisas assumiam um aspecto feérico.

Via Joseph, que ajudava a gorda Jajá a entrar no ônibus. Depois um senhor baixinho, todo de branco, com um chapéu de caçador, passava devagar, puxando um cão chow-chow, de língua roxa.

Outras imagens se confundiam com a realidade: William Brown, ao volante de seu velho carro, levando suas duas mulheres de loja em loja, às vezes vestido com um simples pijama por baixo de seu sobretudo e com o rosto por barbear.

Àquela hora, o filho, de volta ao Provençal, num apartamento de luxo, devia ditar telegramas, atender telefonemas, ir e vir em passos secos e regulares.

– É um caso estranho! – suspirou Boutigues, que não gostava do silêncio, descruzando as pernas e cruzando-as no sentido inverso. – Uma pena que tenham se esquecido de avisar o organista.

– É! William Brown foi assassinado...

Era para si mesmo que Maigret repetia aquilo, para se convencer de que, apesar de tudo, havia um drama.

O colarinho estava apertado. Sentia a testa úmida. Olhava guloso para a grande pedra de gelo que flutuava em seu copo.

“Brown foi assassinado... Ele saiu da mansão, como fazia todos os meses, para ir a Cannes. Deixou o carro na oficina. Foi buscar em algum banco ou com algum comerciante a mesada que lhe mandava o filho. Depois passou alguns dias no Liberty Bar.”

Alguns dias de calorenta preguiça, semelhante à que exauria Maigret. Alguns dias de chinelo, passando de uma cadeira para outra, comendo e bebendo com Jajá, vendo Sylvie ir e vir seminua...

“Na sexta-feira, às duas da tarde, ele sai. Às cinco, apanha seu carro e, quinze minutos depois, desaba, ferido de morte, sobre os degraus da mansão na qual suas mulheres o imaginam bêbado e o xingam da janela... Tem consigo cerca de dois mil francos, como de costume...”

Maigret não falou. “Tudo isso”, ele pensou, olhando os transeuntes desfilarem atrás da grade de seus cílios.

E é Boutigues quem murmura:

– Eu me pergunto a quem poderia interessar a morte dele!

Eis a pergunta perigosa. Suas duas mulheres? Não interessaria a elas, pelo contrário, que ele vivesse o máximo de tempo possível, uma vez que, dos dois mil francos que ele trazia todo mês, conseguiam economizar alguma coisa?

As de Cannes? Perderiam um de seus raros fregueses, que alimentava todo mundo por oito dias todos os meses e pagava meias de seda para uma, contas de luz e gás para a outra...

Não! Interesse material só Harry Brown poderia ter, já que, com o pai morto, não precisaria mais lhe pagar a mesada de cinco mil francos.

Mas o que são cinco mil francos para uma família que vende carregamentos inteiros de lã?

E eis que Boutigues suspira:

– Acabarei acreditando, como o pessoal local, que se trata de um caso de espionagem...

– Garçom! Mais uma rodada! – diz Maigret.

Arrepende-se na mesma hora. Quer cancelar o pedido, não ousa!

Não ousa por medo de admitir sua fraqueza. E depois se lembrará daquele momento, da varanda do Café Glacier, da Place Macé...

Pois é um de seus raros momentos de fraqueza! De fraqueza absoluta! O ar está morno. Uma menina vende mimosas na esquina e está descalça, tem as pernas bronzeadas.

Um grande carro cinza, de metais niquelados, passa sem ruído, levando para a praia três moças em trajes de verão e um rapaz de bigodinho de jovem político.

Aquilo lembra férias. Também na véspera, o porto de Cannes, ao sol poente, lembrava férias, sobretudo o *Ardena*, cujo proprietário se pavoneava diante das moças de formas saborosas.

Maigret está vestido de preto, como sempre quando em Paris. Usa um chapéu-coco, que nada tem a fazer ali.

Um cartaz anuncia em letras azuis, bem à sua frente:

*Cassino de Juan-les-Pins*

*Grande baile de gala da chuva de ouro*

E o gelo derrete devagar no copo cor de opala.

Férias! Olhar o fundo cambiante da água, debruçado sobre a borda de um barco pintado de verde ou laranja... Fazer a sesta tendo um pinheiro como guarda-sol e ouvindo zumbir as moscas...

Mas, sobretudo, não se preocupar com um senhor que não se conhece e que por acaso recebeu uma facada nas costas!

Nem com aquelas mulheres cuja existência Maigret ignorava na véspera e cujas imagens o assombram, como se fosse ele quem tivesse dormido com elas!

Droga de trabalho! O ar cheira a asfalto derretendo. Boutigues botou um novo cravo vermelho na lapela do paletó cinza-claro.

William Brown? Muito bem! Estava enterrado... O que mais ele quer? Seria Maigret de alguma ajuda? Acaso era ele quem tinha possuído um dos maiores iates da Europa? Acaso era ele quem se tinha envolvido com as duas Martini, a velha de rosto rebocado e a moça de formas calipíguas? Acaso era ele quem mergulhava beatificamente na preguiça lasciva do Liberty Bar?

Há pequenas lufadas mornas que acariciam o rosto... As pessoas que passam estão de férias... Todo mundo está de férias, aqui! A vida tem ar de férias!

Até mesmo Boutigues, que não consegue ficar calado e murmura:

– No fundo, estou bem contente de não me tenham deixado com a responsabilidade de...

Então Maigret deixou de olhar o mundo através dos cílios. Vira para o companheiro um rosto um pouco congestionado pelo calor e pela sonolência. Suas pupilas parecem nubladas, mas bastam alguns

segundos para que retomem sua clareza.

– É verdade! – disse, levantando-se. – Garçom! Quanto é?

– Não se incomode.

– De jeito nenhum!

Deixa algumas notas sobre a mesa.

É, é um momento do qual se lembrará, porque, francamente, ele tentou não se incomodar, deixar as coisas seguirem seu curso, como os outros, aceitando o tempo conforme se apresenta.

E o tempo está radioso!

– O senhor já vai? Tem alguma ideia na cabeça?

Não! Sua cabeça está cheia demais de sol, de languidez. Não tem nem mesmo a menor ideia. E, como não quer mentir, murmura:

– William Brown foi assassinado...

Consigo mesmo, pensa: “Estão todos pouco se lixando!”.

Ora bolas! Todas aquelas pessoas que se aquecem ao sol e à noite irão ao *Grande baile de gala da chuva de ouro*.

– Vou trabalhar! – exclamou.

Aperta a mão de Boutigues. Afasta-se. Para, a fim de deixar passar um carro de trezentos mil francos em que está, ao volante, uma mocinha de dezoito anos que franze as sobrancelhas olhando em frente.

– Brown foi assassinado... – continua a repetir.

Começa a não mais subestimar o Midi. Dá as costas ao Café Glacier. E, para não cair em tentação, dita a si mesmo, como a um subalterno:

– Descobrir como Brown ocupou seu tempo na sexta-feira, das duas às cinco da tarde...

Portanto, é preciso ir a Cannes! E pegar o ônibus!

Espera, mãos nos bolsos, cachimbo entre os dentes, ar irritado, ao lado de um poste.

# CAPÍTULO VI

---



# O COMPANHEIRO VERGONHOSO

POR HORAS A FIO, em Cannes, Maigret entregou-se a um trabalho monótono, que em geral é confiado aos inspetores. Mas tinha necessidade de se agitar, de se dar uma impressão de ação.

Na delegacia de costumes, conheciam Sylvie, que constava dos registros.

– Nunca tive problemas com ela! – disse o cabo que cuidava do quarteirão. – Ela é tranquila. Comparece com alguma regularidade aos exames...

– E o Liberty Bar?

– Já lhe falaram nele? Uma casa estranha, que nos intrigou por muito tempo e continua a intrigar muita gente! A ponto de recebermos quase todo mês uma carta anônima a respeito. Primeiro, suspeitaram que a gorda Jajá vendesse drogas. Ela foi posta sob vigilância. Posso afirmar ao senhor que não é verdade... Outros insinuaram que a casa dos fundos serviria de ponto de encontro para gente de hábitos especiais...

– Sei que é mentira! – exclamou Maigret.

– É... É ainda mais engraçado... Mamãe Jajá atrai velhos camaradas que não têm mais vontade de coisa alguma além de se embebedar em companhia dela. Aliás, ela tem uma pequena renda, pois o marido morreu num acidente...

– Eu sei!

Num outro posto, Maigret informou-se a respeito de Joseph.

– Ficamos de olho nele, porque é um frequentador habitual das corridas, mas nunca descobrimos nada contra ele.

Maigret voltou à delegacia de costumes, onde apanhou a foto de Sylvie que constava dos registros. Tinha já no bolso a de William Brown, que trouxera da mansão.

E mergulhou numa nova atmosfera: os hoteizinhos, sobretudo os que rodeiam o porto, onde se alugam quartos não apenas por noite, mas por hora.

Os gerentes adivinhavam logo que ele era da polícia. São gente que a teme mais do que tudo.

– Espere... Vou perguntar à arrumadeira...

E eram peregrinações por escadarias sombrias, todo um ambiente sórdido que o comissário ia descobrindo.

– Esse grandão? Não! Não me lembro de tê-lo visto aqui...

Era a fotografia de William Brown que Maigret mostrava primeiro. Depois exibia a de Sylvie.

Conheciam-na quase por toda parte.

– Ela já veio... Mas faz algum tempo...

– À noite?

– Ah, não! Quando ela vem com alguém, é sempre “por um minutinho”...

Hotel Bellevue... Hotel du Port... Hotel Bristol... Hotel d’Auvegne...

E havia outros, a maioria em ruazinhas, a maioria também discretos, só se anunciando aos passantes por uma placa ladeando um corredor: *Água corrente. Preços módicos.*

Às vezes, Maigret subia um andar, descobria um tapete sobre os degraus de uma escada... Outras, encontrava no corredor um casal furtivo que virava o rosto...

E, saindo, revia o porto, onde alguns veleiros de corrida de seis metros, série internacional, eram puxados para terra.

Marinheiros os tratavam com cuidado, enquanto aqui e ali estacionavam grupos de curiosos.

– Sem criar caso! – tinham recomendado em Paris.

Pois muito bem! Se continuasse assim, ficariam satisfeitos! Não haveria drama algum, pela simples razão de que Maigret não descobriria coisa alguma!

Ele fumava sem parar, enchendo um novo cachimbo mesmo sem ter queimado todo o fumo anterior, porque sempre levava dois ou três nos bolsos.

E antipatizava com o lugar, irritava-se porque uma mulher teimava em vender-lhe conchas e um moleque, que corria descalço, atirava-se em suas pernas e depois o olhava, dando gargalhadas.

– Conhece este homem?

Mostrava pela vigésima vez a fotografia de William Brown.

– Nunca esteve aqui.

– E esta mulher?

– Sylvie? Está lá em cima...

– Sozinha?

O hoteleiro deu de ombros, gritou para a escada:

– Albert! Desça aqui um instante...

Era um criado imundo, que deu um olhar de lado para o comissário.

– Sylvie continua lá em cima?

– No 7...

– Pediram bebida?

– Nadinha!

– Então, não vão demorar muito! – disse o patrão a Maigret. – Se o senhor quiser falar com ela, é só esperar...

O lugar se chamava Hotel Beauséjour e ficava numa rua paralela ao porto, bem defronte a uma padaria.

Teria Maigret vontade de rever Sylvie? Teria uma ou duas perguntas a lhe fazer?

Nem ele mesmo sabia. Estava cansado. Toda a sua atitude, em sinal de protesto, tinha algo de ameaçador, como se ele estivesse a ponto de explodir.

Não esperaria na frente do hotel, pois a dona da padaria do outro lado da rua o olhava com ironia através da vitrine.

Teria Sylvie tantos admiradores que às vezes um deles precisava esperar sua vez lá embaixo? Era isso! E Maigret estava furioso por ser tomado por um cliente da garota.

Foi até a esquina, com a ideia de fazer, para passar o tempo, a ronda das casas. Quando chegava ao cais, voltou-se para observar um táxi estacionado à beira da calçada, cujo motorista andava de um lado para o outro.

Não soube definir imediatamente o que lhe chamou a atenção. Precisou se virar duas vezes. Não era tanto o carro quanto o homem que lhe lembrava alguma coisa e de repente a imagem se associou à lembrança do enterro daquela manhã.

– O senhor é de Antibes, não é?

– De Juan-les-Pins!

– Foi o senhor mesmo que, hoje pela manhã, seguiu um enterro até o cemitério...

– Fui. Por quê?

– É o mesmo cliente que o senhor trouxe aqui?

O motorista olhava seu interlocutor dos pés à cabeça, sem saber bem o que deveria responder.

– Por que está perguntando?

– Polícia... E então?

– É o mesmo... Desde ontem ao meio-dia, ele me contratou pelo dia todo.

– Onde está ele agora?

– Não sei... Ele foi por ali...

E o motorista apontava uma rua, e perguntava com repentina apreensão:

– Mas por favor! O senhor não vai prendê-lo antes que ele me pague...

Maigret se esquecia de fumar. Ficou um bom tempo imóvel, olhando o capô fora de moda do táxi e, de repente, assaltado pela ideia de que o casal talvez tivesse deixado o hotel, correu para o Beauséjour.

A dona da padaria o viu chegar, chamou o marido que estava nos fundos da loja e que aproximou da vidraça um rosto enfarinhado.

Azar! Agora, Maigret pouco ligava.

– Quarto 7...

Olhando para a fachada, tentava adivinhar qual daquelas janelas de cortinas fechadas corresponderia ao quarto 7. Ainda não ousava se alegrar.

E no entanto... não! Não era coincidência... Pelo contrário, era a primeira vez que dois elementos daquele caso se juntavam...

Sylvie e Harry Brown encontrando-se num motel do porto!

Vinte vezes ele teve tempo de percorrer os cem metros que o separavam da esquina do cais. Vinte vezes ele viu o táxi no mesmo lugar. Quanto ao motorista, tinha ido se postar no fim da rua, de modo a vigiar ele mesmo seu cliente...

Enfim, abriu-se a porta envidraçada do final do corredor. Sylvie, que andava depressa, desembocou na calçada e quase se chocou com Maigret.

– Bom dia! – exclamou ele.

Ela se imobilizou. Nunca ele a vira tão pálida. E, quando abriu a boca, nenhum som saiu.

– Seu companheiro está se vestindo?

Ela girava a cabeça em todos os sentidos, como um cata-vento. Sua mão largou a bolsa, que Maigret apanhou. Ela literalmente a arrancou das mãos, como se acima de tudo tivesse medo de vê-lo abri-la.

– Um momento!

– Desculpe... Estão me esperando... Vamos andar, por favor?

– Pois eu não quero andar... Muito menos naquela direção...

Ela estava mais comovente do que bonita, devido aos grandes olhos que lhe tomavam todo o rosto. Percebia-se que era presa de um nervosismo doloroso, de uma angústia que lhe tirava o fôlego.

– O que o senhor quer comigo?

Será que não estaria prestes a fugir correndo? Para impedir, Maigret tomou-lhe a mão, que guardou na sua, num gesto que, para os padeiros do outro lado da rua, poderia parecer um gesto de afeto.

– Harry continua lá?

– Não compreendo...

– Pois muito bem... Vamos esperá-lo juntos... Cuidado, menina! Nenhuma bobagem... Deixe esta bolsa em paz...

Porque Maigret a tinha retomado. Através da fazenda sedosa, acreditava reconhecer a consistência de um maço de notas.

– Sem escândalo! Há gente nos olhando...

E os passantes! Deveriam achar que Maigret e Sylvie discutiam uma simples questão de preço.

– Eu lhe imploro...

– Não!

E, mais baixo:

– Se você não ficar quieta, vou algemá-la!

Ela o olhou com as pupilas ainda maiores por causa do medo, depois, desencorajada ou impotente, baixou a cabeça.

– Harry não parece ter pressa de descer...

Ela nada disse, não tentou negar, enganá-lo.

– Já o conhecia?

Estavam em pleno sol. Sylvie tinha o rosto úmido.

– Escute...

– Estou escutando.

Mas não! Ela mudava de ideia! Não falava mais. Mordia-se o lábio com selvageria.

– Joseph a está esperando em algum lugar?

– Joseph?

Era desespero, pânico. E eis que agora se ouviam passos na escada do hotel. Sylvie tremia, não ousava olhar na direção do corredor cheio de sombras.

Os passos se aproximavam, ecoavam nos degraus. A porta envidraçada se abria, se fechava, e de repente havia um momento de pausa.

Harry Brown não era visível na penumbra e tinha visto o casal! Foi rápido. Ele voltou a andar. Era audacioso! Passou, sem hesitar, o corpo ereto, dirigindo um breve cumprimento a Maigret.

O comissário continuava a segurar o pulso de Sylvie. Para alcançar Brown, que agora só se via de costas, teria de soltá-la.

Uma cena ridícula diante da vitrine da padaria!

– Venha comigo! – disse à companheira.

– O senhor vai me prender?

– Não se preocupe com isso...

Precisava telefonar imediatamente. Não queria de modo algum deixar Sylvie por conta própria. Havia cafés nas redondezas. Entrou num deles e levou a jovem consigo para a cabine. Alguns instantes depois, tinha o inspetor Boutigues na linha.

– Corra ao Hotel Provençal. Diga de forma polida, mas firme, a Harry Brown que não deixe Antibes antes da minha chegada. Se necessário, impeça-o de sair...

E Sylvie o ouvia, arrasada. Não tinha mais energia, ou a menor pretensão de se revoltar.

– Quer beber o quê? – perguntou ele de volta à mesa.

– Qualquer coisa.

Ele vigiava, sobretudo, a bolsa. O garçom os observava, sentindo que havia algo de anormal. E, quando uma garotinha que ia de mesa em mesa veio oferecer um buquê de violetas, Maigret o apanhou, estendeu-o à companheira, revirou os bolsos com ar aborrecido e, quando menos se esperava, apanhou a bolsa.

– Com a sua licença... Não tenho troco...

Foi tudo tão rápido, de um jeito tão natural, que ela não teve tempo de protestar. Apenas uma crispção passageira dos dedos sobre a alça da bolsa.

A garotinha esperava obediente, escolhendo outro buquê da cesta. Maigret, debaixo de um grande maço de notas de mil francos, procurava troco miúdo.

– Agora, vamos! – disse, levantando-se.

Também estava nervoso. Tinha pressa de sair dali, de não ter mais olhares curiosos voltados para ele.

– E se fôssemos dar boa-noite àquela boa sra. Jajá?

Sylvie o seguia docilmente. Estava arrasada. E nada os distinguiu dos outros casais que passavam, a não ser o fato de que era Maigret quem segurava com cuidado a bolsa da companheira.

– Entre primeiro!

Ela entrou no bar descendo um degrau, dirigiu-se para a porta de vidro dos fundos. Viam-se, atrás da cortina de tule, as costas de um homem que se levantou de repente à entrada do casal.

Era Yan, o garçom sueco, que ficou vermelho até a raiz dos cabelos ao reconhecer Maigret.

– Você outra vez? Muito bem, meu amigo, você vai me fazer o favor de ir dar uma volta...

Jajá não compreendia. O rosto de Sylvie lhe dizia com clareza que estava acontecendo alguma coisa de anormal. E tudo o que ela queria era que o marinheiro desaparecesse.

– Vai voltar amanhã, Yan?

– Não sei...

De quepe na mão, ele não sabia como sair dali, perturbado como estava pelo olhar pesado do comissário.

– É... Está bem... Até logo... – disse Maigret, impaciente, abrindo e fechando a porta para dar passagem ao garçom.

Girou a chave na maçaneta, com um gesto brusco. Disse a Sylvie:

– Pode tirar o chapéu.

Jajá arriscou, com voz tímida:

– Vocês se encontraram...

– Exatamente! Nós nos encontramos.

Ela nem mesmo ousava oferecer uma bebida, tamanha era a sensação de tempestade no ar. Para disfarçar, apanhou um jornal que estava caído no chão, dobrou-o, depois foi examinar alguma coisa no forno.

Maigret enchia um cachimbo, bem devagar. Aproximou-se também do forno e, enrolando um pedaço do jornal, acendeu-o no fogo.

Sylvie continuava de pé perto da mesa. Tirara o chapéu e o pusera à sua frente.

Então Maigret se sentou, abriu a bolsa, começou a contar as notas que arrumou entre os copos sujos.

– Dezoito... dezenove... vinte... Vinte mil francos!

Jajá rodou sobre si mesma e olhava as notas com perplexidade. Depois olhava para Sylvie, depois para o comissário. Fazia um esforço violento para compreender.

– O que é que...?

– Ah! Nada de extraordinário! – resmungou Maigret. – Sylvie desencavou um namorado mais generoso do que os outros, só isso! E sabe como ele se chama? Harry Brown...

Ele se instalara como se estivesse em casa, cotovelos sobre a mesa, o cachimbo entre os dentes, o chapéu-coco empurrado para a nuca.

– Vinte mil francos por “um minutinho”, como dizem no Hotel Beauséjour...

Para disfarçar, Jajá enxugava no avental as mãos rechonchudas. Não ousava falar. Estava pasma.

E Sylvie, sem cor, o rosto tenso, não olhava para ninguém, só olhava para o vazio à sua frente, esperando agora que coisa ainda pior pudesse acontecer.

– Você! Pode se sentar! – disse-lhe Maigret.

Ela obedeceu automaticamente.

– Você também, Jajá... Espere... Primeiro, traga copos limpos...

Sylvie estava exatamente no mesmo lugar que na véspera, quando comia, penhoar entreaberto, os seios nus a alguns centímetros do prato.

Jajá pôs uma garrafa e copos sobre a mesa, e sentou-se na beirada da cadeira.

– E agora, meninas, estou esperando...

A fumaça do cachimbo subia devagar para o respiradouro, que estava azulado, pois o sol não mais o atingia. Jajá olhava para Sylvie...

E Sylvie continuava a não olhar para lugar algum, nada dizia, ausente ou teimosa.

– Estou esperando...

Poderia repetir aquilo cem vezes, e esperar dez anos! Jajá foi a única a suspirar, esmagando o peito com o queixo:

– Meu Deus! Se eu pudesse imaginar...

Quanto a Maigret, mal conseguia se conter. Levantava-se, andava de um lado para outro. Resmungava:

– Seria bom que...

Aquela estátua deixava-o furioso. Uma vez, duas vezes, três vezes, ele passou perto de Sylvie sempre imóvel.

– Tenho tempo, mas...

Na quarta vez, não aguentou. Foi automático. Sua mão segurou o ombro da moça e ele não se deu conta da força do aperto.

Ela ergueu um braço que manteve diante do rosto, como uma menina que tem medo de apanhar.

– E então?

Ela cedeu, com a dor. Exclamou, explodindo em soluços:

– Monstro! Monstro horrível! Não direi nada... Nada! Nada!

Jajá não podia mais. Maigret, obstinado, deixava-se cair na cadeira. E Sylvie continuava a chorar sem esconder o rosto, sem enxugar os olhos, a chorar mais de raiva do que de dor.

– Nada! – exclamava ela automaticamente, entre dois soluços.

A porta do bar se abria, o que não acontecia duas vezes por dia; um freguês se encostava ao balcão de zinco, girava a manivela do caça-níqueis.

# CAPÍTULO VII

---



# A ORDEM

MAIGRET SE LEVANTOU IMPACIENTE E, para evitar qualquer manobra das duas mulheres – o freguês poderia ser, por exemplo, um mensageiro de Joseph! – preferiu ir ele mesmo ao bar.

– O que deseja?

O outro ficou tão desamparado que, apesar do mau humor, o comissário quase começa a rir. Era um homenzinho apagado, sem idade definida, cabelos grisalhos, que devia ter se esgueirado rente aos muros para chegar até lá alimentando sonhos de um erotismo desenfreado. Ora, era Maigret quem surgia, rabugento, atrás do balcão!

– Um chope pequeno!

Atrás da cortina, o comissário via as duas mulheres se aproximarem uma da outra. Jajá fazia perguntas. Sylvie respondia com preguiça.

– Não temos chope!

Pelo menos, Maigret não o via por ali.

– Então, o que quiser... um Porto...

Foi servido um líquido qualquer, no primeiro copo que apareceu, e ele apenas molhou os lábios.

– Quanto?

– Dois francos.

Maigret olhava a ruela ainda quente do sol, o barzinho em frente no qual adivinhava vultos que se moviam, a sala dos fundos, onde Jajá voltava ao seu lugar.

O freguês ia embora perguntando-se em que lugar tinha ido parar, e Maigret voltava para a sala, sentava-se a cavalo na cadeira invertida.

A atitude de Jajá estava um pouco mudada. Ainda há pouco, ela estava sobretudo ansiosa e era possível adivinhar que não sabia o que pensar. Agora, sua inquietação era definida. Ela refletia olhando para Sylvie, ao mesmo tempo com pena e uma ponta de rancor. Parecia dizer: “Muito esperta de se ter colocado numa situação destas! E agora não vai ser fácil sair do rolo!”.

Arriscou, em voz alta:

– O senhor sabe, senhor comissário... Os homens são tão estranhos...

Faltava convicção. Ela sentia. Sylvie também, que deu de ombros.

– Ele a viu hoje de manhã no enterro e deve ter tido vontade... Ele é tão rico que...

Maigret suspirou, acendeu mais um cachimbo e deixou seu olhar vagar até o respiradouro.

A atmosfera era lúgubre. Jajá preferiu o silêncio, por medo de piorar as coisas. Sylvie não chorava, não se mexia mais, esperava não se sabia o quê.

E só o despertador seguia sua vida laboriosa e empurrava sobre o mostrador pálido os ponteiros pretos, que pareciam pesados demais para ele.

Tique, taque, tique, taque, tique, taque...

Em alguns momentos, era uma verdadeira gritaria.

Tique, taque, tique, taque, tique, taque...

Jajá, que não tinha vocação para o drama, levantou-se e foi pegar uma garrafa de bebida no armário. Como se nada houvesse, encheu três copos, colocou um na frente de Maigret e outro na frente de Sylvie, mas sem nada dizer.

Os vinte mil francos continuavam sobre a mesa, ao lado da bolsa.

Tique, taque, tique, taque, tique, taque...

Aquilo durou hora e meia! Hora e meia de silêncio, apenas com os suspiros de Jajá, que bebia e cujos olhos começavam a brilhar.

Às vezes, crianças brincavam e gritavam na rua. Em outras, ouvia-se o sino insistente de um bonde distante. A porta do bar se abriu. Um árabe passou a cabeça pelo vão, gritou:

– Amendoins?

Esperou um instante e, não recebendo resposta, voltou a fechar a porta e desapareceu.

Eram seis horas quando a porta se abriu de novo, e dessa vez houve na casa dos fundos uma espécie de vibração que anunciava ser aquele um acontecimento inesperado. Jajá quase se levantou para correr até o bar, mas um olhar de Maigret a deteve. Sylvie, para sublinhar sua indiferença, virou a cabeça para outro lado.

A segunda porta se abria. Joseph entrava, via primeiro as costas de Maigret, depois a mesa, os copos, a garrafa, a bolsa aberta, as notas.

O comissário se virava devagar e o recém-chegado, imóvel, contentou-se em resmungar:

– Merda!

– Feche a porta... Sente-se...

O garçom fechou a porta, mas não se sentou. Tinha as sobrancelhas franzidas, o ar contrariado, mas não perdia o sangue-frio. Pelo contrário! Controlava-se. Aproximou-se de Jajá e beijou-a na testa.

– Bom dia...

Depois, fez o mesmo com Sylvie, que não ergueu a cabeça.

– O que é que há?

Naquele momento, Maigret compreendeu que não seria fácil. Mas, como sempre em casos semelhantes, obstinou-se mais ainda quando sentiu que tudo se tornava ainda mais difícil.

– De onde vem?

– Adivinhe!

E tirou uma carteira do bolso, procurou nele um pequeno cartão que entregou a Maigret. Era uma cédula de identidade, do modelo que se dá aos estrangeiros residentes na França.

– A outra estava vencida... Fui renová-la na Prefeitura...

O cartão tinha efetivamente a data do dia e o nome: *Joseph Ambrosini, nascido em Milão, exercendo a profissão de empregado de hotelaria.*

– Não se encontrou com Harry Brown?

– Eu?

– E não o encontrou pela primeira vez na terça ou quarta-feira passada?

Joseph o olhava sorrindo, com ar de quem diz: “Mas que história é essa?”.

– Diga, Ambrosini! Suponho que confesse que é amante de Sylvie...

– Depende do que o senhor considera... Já aconteceu, meu Deus...

– Não! Não! O senhor é o que por eufemismo se chama de patrocinador...

Pobre Jajá! Ela nunca tinha sido tão infeliz na vida. O álcool que bebia devia estar deformando sua visão das coisas. De vez em quando, abria a boca para intervir como conciliadora e adivinhava-se que gostaria de dizer: “Vamos, crianças! Cheguem a um acordo! Será que vale mesmo a pena passar por tudo isso? Vamos brindar juntos e...”.

Quanto a Joseph, era evidente que não era seu primeiro embate com a polícia. Estava em guarda. Seu sangue-frio era perfeito, sem ostentação.

– Suas informações são falsas...

– A ponto de o senhor ignorar o que representam estes vinte mil francos?

– Imagino que Sylvie os ganhou... Ela é uma moça suficientemente bonita para...

– Basta!

Ele estava outra vez de pé. Andava pela pequena sala. Sylvie olhava para os pés. Joseph não baixava os olhos.

– Você vai aceitar um copinho! – disse-lhe Jajá, para quem era hora de se servir.

E Maigret custava a se decidir. Parou um bom tempo debaixo do despertador que marcava seis e quinze. Quando se virou, foi para dizer com clareza:

– Pois muito bem! Vocês dois vão comigo... Estão presos!

Ambrosini nem estremeceu, contentou-se em murmurar com uma ponta de ironia:

– Como quiser!

O comissário colocou as vinte notas de mil francos no bolso, estendeu a Sylvie o chapéu e a bolsa.

– Quer que eu os algeme ou vão me dar sua palavra de que...

– Não vamos deixá-lo na mão, ora!

Jajá soluçava nos braços de Sylvie, que tentava se livrar daquele abraço. E tiveram o maior trabalho do mundo para impedir que a gorda seguisse o grupo pela rua.

As luzes se acendiam. Era outra vez a hora preguiçosa. Passaram perto da rua onde se erguia o Hotel Beauséjour. Mas Joseph não deu um só olhar naquela direção.

Na chefatura, a equipe do dia se retirava. O secretário apressou-se em fazer com que o comissário assinasse os papéis.

– Vocês vão trancar estas duas figuras em separado... Virei vê-los amanhã sem falta...

Sylvie estava sentada num banco, no fundo da sala. Joseph preparava um cigarro que um guarda uniformizado arrancou-lhe das mãos.

E Maigret se foi sem nada dizer, voltou-se para Sylvie, que não o olhava, ergueu os ombros e rosnou:

– Azar!

Enterrado num banco, nem mesmo percebeu que o ônibus estava lotado e que uma senhora estava de pé a seu lado. Virado para a janela, acompanhando com o olhar os faróis dos carros que passavam, fumava furiosamente, e a senhora precisou se inclinar e murmurar:

– Desculpe, senhor...

Ele pareceu sair de um sonho. Levantou-se de repente, não soube onde jogar as cinzas quentes, deu tal espetáculo de perturbação que um jovem casal, atrás dele, engasgou-se com o riso.

Às sete e meia, empurrava a porta giratória do Provençal e encontrava o inspetor Boutigues instalado numa poltrona do saguão, onde conversava com o gerente.

– E então?

– Ele está lá em cima... – retrucou Boutigues, que parecia perturbado.

– O senhor lhe disse...?

– Disse... Ele não se surpreendeu... Eu esperava protestos...

O gerente esperava o momento de fazer uma pergunta, mas mal abriu a boca e Maigret já se precipitava para o elevador.

– Eu espero? – gritou Boutigues.

– Se quiser...

Ele conhecia muito bem o estado de espírito em que se encontrava há duas ou três horas! E se enfurecia, como sempre se enfurecia em situações semelhantes! Isso não o impedia de ser incapaz de reagir...

A sensação confusa de estar dando um fora... Sensação que tinha desde seu encontro com Sylvie, na porta do hotel...

E, no entanto, alguma coisa o fazia ir adiante!

Pior ainda! Avançava ainda com maior ardor quando queria se convencer de que estava certo!

O elevador subia, num deslizar de aço bem lubrificado. E Maigret repetia para si mesmo a ordem recebida:

– Sobretudo, sem criar caso!

Era por isso que estava em Antibes. Para evitar que fosse criado um caso, evitar o escândalo.

Em outra ocasião, teria entrado no apartamento de Brown sem o cachimbo. Acendeu-o de propósito. Bateu. Entrou no mesmo instante. E se viu exatamente no mesmo cenário da véspera: Brown, que ia e vinha, impecável, dando ordens ao secretário, falando ao telefone e terminando de ditar um telegrama para Sydney.

– O senhor me dá licença um instante?

Nenhum vestígio de ansiedade! Aquele homem estava à vontade em todas as circunstâncias da vida! Acaso manifestara algum descontentamento, pela manhã, quando acompanhava o enterro do pai em circunstâncias tão extraordinárias? Acaso a presença das quatro mulheres o perturbara por pouco que fosse?

E à tarde, depois de sair do hotel suspeito, não se tinha alterado! Não hesitara nem por um segundo!

Ele continuava a ditar. Ao mesmo tempo, colocava uma caixa de charutos sobre a mesinha que estava diante de Maigret e apertava a campainha.

– Leve o telefone para o meu quarto, James.

E ao maître que se apresentava:

– Um uísque!

Quanto de pose e quanto de naturalidade havia naquela atitude?

“Uma questão de educação!”, pensou Maigret. “Deve ter estudado em Oxford, ou Cambridge...”

E aquele era um velho rancor de aluno de liceu francês! Um rancor mesclado de admiração!

– A senhorita levará a máquina.

Mas não! Brown percebia a datilógrafa confusa com seu bloco de notas e lápis. E ele mesmo ergueu a pesada máquina de escrever, transportou-a até o quarto contíguo, fechou a porta à chave.

Depois, esperou que o garçom lhe trouxesse o uísque e indicou Maigret, a quem a bebida foi servida.

Quando ficaram a sós, e só então, tirou a carteira do bolso e de dentro dela uma folha de papel timbrado para a qual lançou um olhar antes de entregá-la ao comissário.

– Leia... O senhor entende inglês?

– Bastante mal.

– É o documento pelo qual paguei vinte mil francos, esta tarde, no Hotel Beauséjour.

Sentou-se, e aquele gesto foi uma espécie de quebra de tensão.

– Devo primeiro explicar-lhe algumas coisinhas... O senhor conhece a Austrália? É uma pena... Meu pai, antes do casamento, possuía uma propriedade muito grande, do tamanho de um departamento da França... Com o casamento, passou a ser o maior criador australiano de carneiros, porque minha mãe havia trazido como dote uma propriedade quase tão importante quanto a dele...

Harry Brown falava devagar e esforçava-se para não pronunciar palavras inúteis, para ser claro.

– O senhor é protestante? – perguntou Maigret.

– Toda a família. E a de minha mãe também!

Ia continuar. Maigret o interrompeu.

– Seu pai não estudou na Europa, não é mesmo?

– Não! Ainda não estava na moda... Ele só veio depois do casamento... Cinco anos depois, quando já tinha três filhos...

Azar, se Maigret se enganava! Em sua mente, colocava tudo aquilo em imagens. Esboçava com grandes traços uma casa imensa, mas austera, no meio de terras. E pessoas circunspectas, com ar de

pastores presbiterianos.

William Brown, que assumia o lugar do pai, se casava, fazia filhos e só se ocupava dos negócios...

– Um dia, ele precisou vir à Europa, por causa de um processo...

– Sozinho?

– Veio sozinho!

Era tão simples! Paris! Londres! Berlim! A Côte d'Azur! E Brown que se dava conta de que, com sua fortuna colossal, era, num mundo brilhante, cheio de seduções, algo parecido com um rei!

– E ele não voltou! – suspirou Maigret.

– Não! Ele quis...

O processo se arrastava. As pessoas com que o criador de carneiros estava em contato o levavam a lugares onde há diversão. Ele entrava em contato com mulheres.

– Durante dois anos, ele adiou a volta todo o tempo...

– Quem o substituía lá, à frente dos negócios?

– Minha mãe... E o irmão da minha mãe... Recebemos cartas de gente de nosso país, dizendo...

Era o bastante! Maigret estava mais do que informado! Brown, que, em toda a vida, só havia conhecido suas terras, seus carneiros, seus vizinhos e pastores, fazia uma festa sem limites, oferecia-se todos os prazeres até então...

Adiava cada vez mais a volta... Fazia o processo se arrastar... Fim do processo, encontrava novas desculpas para ficar...

Comprara um iate... Fazia parte daquela meia dúzia de personagens que podem comprar tudo, se permitir tudo...

– Sua mãe e seu tio chegaram a colocá-lo sob intervenção judicial?

Eles se defendiam, do outro lado do mundo! Recorriam à justiça! E um belo dia, em Nice ou Monte Carlo, William Brown acordou tendo, como fortuna, uma pensão alimentícia!

– Por muito tempo, ele continuou a fazer dívidas e nós pagávamos... – disse Harry.

– E depois não pagaram mais?

– Perdão! Continuei a enviar uma pensão de cinco mil francos por mês...

Maigret percebia que as coisas ainda não estavam claras. Sentia um vago mal-estar que se traduziu por uma pergunta repentina:

– O que veio propor a seu pai, alguns dias antes de sua morte?

Era inútil observar seu interlocutor. Brown não se perturbava, respondia com sua habitual simplicidade:

– Apesar de tudo, ele ainda tinha direitos, não é? Há quinze anos, opunha-se à decisão da justiça... Corre um grande processo, por lá... Cinco advogados trabalham exclusivamente nisso... E, enquanto aguardamos, vivemos sob um regime provisório que nos impede de realizar grandes operações...

– Um momento... De um lado, seu pai, sozinho, vivendo na França e representado na Austrália por advogados que defendem seus interesses.

– Advogados com péssima reputação...

– Sem dúvida! No campo adversário, sua mãe, seu tio, seus dois irmãos e o senhor...

– Yes! Quero dizer, sim!

– E o que era oferecido ao seu pai para desaparecer por completo de circulação?

– Um milhão!

– Em outras palavras, ele sairia ganhando, porque vocês lhe davam uma pensão inferior aos juros dessa quantia, se bem investida... Por que ele recusava?

– Para nos atormentar!

Harry disse aquilo num tom gentil. Com certeza não sabia que aquelas palavras eram um pouco incongruentes em seus lábios.

– Era uma ideia fixa... Ele não queria nos deixar em paz...

– Portanto, ele recusou...

– Sim! E me avisou que daria um jeito para que, mesmo depois da sua morte, nossos aborrecimentos continuassem.

– Que aborrecimentos?

– O processo! Em nosso país, ele nos dá muitos prejuízos...

Ainda seriam necessárias maiores explicações? Bastava evocar o Liberty Bar, Jajá, Sylvie seminua, William levando provisões... Ou a mansão e as duas Martini, a moça e a velha, e o carro velho no qual as levava às compras...

E depois olhar para Harry Brown, que representava o elemento inimigo, a ordem, a virtude, o direito, com seus cabelos bem alinhados, o terno correto, o sangue-frio, a polidez um pouco distante, os secretários...

– Para nos atormentar!

A figura de William ficava mais viva! Por muito tempo parecido com o filho com todos os *de lá*, tinha rompido com a ordem, a virtude, a boa educação...

Tornara-se o inimigo, aquele que havia sido pura e simplesmente riscado do quadro familiar...

Ele era teimoso, bolas! Sabia muito bem que não teria ganho de causa! Sabia muito bem que de agora em diante seria o maldito!

Mas os atormentaria!

Não seria ele capaz de qualquer coisa para conseguir? Atormentá-los, a mulher, o cunhado, os filhos que o renegavam, que continuavam a trabalhar para ganhar dinheiro, cada vez mais dinheiro...

– Com ele morto, é verdade – explicava Harry com calma –, o processo se extinguiria e com ele todos os problemas, todos esses casos escandalosos que fazem a alegria dos maus-caracteres da nossa terra...

– É claro!

– Então, ele redigiu um testamento... Ele não pode deserdar sua mulher e filhos... Mas pode dispor de uma parte da sua fortuna... O senhor sabe em favor de quem ele o fez? Das quatro mulheres...

Maigret quase caiu na gargalhada. De qualquer modo, não foi capaz de evitar um sorriso ao imaginar as duas Martini, mãe e filha, depois Jajá e Sylvie, chegando à Austrália para defender seus direitos...

– É o testamento que o senhor tem nas mãos?

Era longo, redigido conforme à lei, autenticado em cartório.

– Era a isto que meu pai fazia alusão ao dizer que, mesmo depois de morto, os problemas continuariam...

– O senhor conhecia os termos?

– Ainda hoje pela manhã, eu não tinha conhecimento... Quando voltei ao Provençal, depois do enterro, um homem me esperava...

– Um homem chamado Joseph?

– Uma espécie de garçom... Mostrou-me uma cópia... Disse-me que, se eu quisesse comprar o original, tudo o que teria a fazer seria ir a um hotel em Cannes e levar vinte mil francos... Aquele tipo de gente que não tem o costume de mentir...

Maigret assumira uma postura severa.

– Em outras palavras, o senhor estava disposto a destruir um testamento! Chegou a começar a executar...

Brown não se perturbou mais do que antes.

– Sei o que faço! – disse com tranquilidade. – E sei o que são aquelas mulheres...

Levantou-se, olhou o copo cheio de Maigret.

– O senhor não bebe?

– Não, obrigado.

– Qualquer tribunal compreenderá que...

– Que o grupo *de lá* deve ganhar...

O que teria levado Maigret a dizer aquilo? A vertigem do erro?

Harry Brown não se abalou, falou com clareza dirigindo-se para a porta do quarto onde tiquetaqueava a máquina de escrever:

– O documento não foi destruído... Deixo-o com o senhor... Permaneço aqui até que...

A porta já estava aberta e o secretário anunciava:

– É Londres que...

Ele tinha o telefone na mão. Brown segurou-o, começou a falar inglês com fluência.

Maigret aproveitou para sair, com o testamento. Apertou em vão o botão de chamada do elevador, acabou se decidindo pelas escadas, repetindo consigo mesmo:

– Sobretudo, sem criar caso!

No térreo, o inspetor Boutigues bebia vinho do Porto acompanhado pelo gerente. Belos e grandes cálices de degustação, em cristal lapidado. E a garrafa ao alcance da mão!



# CAPÍTULO VIII

---

# AS QUATRO HERDEIRAS

BOUTIGUES SALTITAVA ao lado de Maigret e nem bem tinham percorrido vinte metros quando o inspetor anunciou:

– Acabo de fazer uma descoberta! O diretor, que conheço há muito tempo, supervisiona o Hotel du Cap, em Cap Ferrat, que pertence à mesma empresa...

Acabavam de sair do Provençal. Diante deles, o mar não passava, à noite, de um lago de tinta do qual não se erguia o mínimo tremor.

À direita, as luzes de Cannes. À esquerda, as de Nice. E a mão de Boutigues indicava a escuridão, além daqueles brilhos.

– O senhor conhece Cap Ferrat? Entre Nice e Monte Carlo...

Maigret sabia. Agora, começava a compreender um pouco a Côte d’Azur: um longo bulevar partindo de Cannes e indo até Menton, um bulevar de sessenta quilômetros, com mansões e um cassino aqui e ali, alguns palácios...

O famoso mar azul... A montanha... E todas as maravilhas prometidas pelos folhetos: as laranjeiras, as mimosas, o sol, as palmeiras, os pinheiros guarda-chuva, o tênis, o golfe, os salões de chá e os bares americanos...

– A descoberta?

– Pois bem! Harry Brown tem uma amante na Côte! O diretor o viu diversas vezes em Cap Ferrat, onde ele a visita... Uma mulher de uns trinta anos, viúva ou divorciada, muito distinta, parece, que ele instalou numa mansão...

Estaria Maigret escutando? Ele observava a famosa paisagem noturna com ar mal-humorado. Boutigues prosseguia:

– Ele vai visitá-la cerca de uma vez por mês... E é a comédia do Hotel du Cap, porque Brown faz todo um teatro a fim de esconder sua ligação... a ponto de, quando dorme fora, voltar pela entrada de serviço e fazer de conta que não saiu durante a noite...

– É uma piada! – disse Maigret, com tão pouca convicção que o inspetor Boutigues ficou desconcertado.

– O senhor não manda mais vigiá-lo?

– Não... Sim...

– Vai visitar a dama em questão, em Cap Ferrat?

Maigret não fazia ideia. Não podia pensar em 36 coisas ao mesmo tempo e, no momento, não pensava em Harry Brown, e sim em William. Na Place Macé, apertou descuidado a mão do companheiro e pulou num táxi.

– Siga para Cap d’Antibes... Eu lhe direi onde parar...

E repetiu consigo mesmo, sozinho no fundo do carro:

– William Brown foi assassinado!

O pequeno portão, o caminho de cascalho, depois o sino, uma lâmpada elétrica se acendendo por debaixo da porta, passos no saguão, a porta da frente entreaberta...

– É o senhor! – suspirou Gina Martini reconhecendo o comissário e se afastando para deixá-lo entrar.

Ouvia-se uma voz de homem no salão.

– Venha... Vou lhe explicar...

O homem estava de pé, um bloco na mão, e a velha senhora tinha a metade do corpo dentro de um armário.

– Sr. Petitfils... Nós lhe pedimos que viesse para...

O sr. Petitfils era magro, com longos bigodes tristes, olhos cansados.

– É o diretor da principal agência de locação de mansões... Nós o chamamos para pedir um conselho e...

Sempre o perfume de almíscar. As duas mulheres haviam tirado os trajes de luto e vestiam roupas caseiras e chinelos.

Tudo ali estava fora do lugar. Estaria a luz menos forte do que de costume? Tinha-se a impressão de tristeza e monotonia. A velha senhora saía do armário, cumprimentava Maigret, explicava:

– Desde que vi aquelas duas mulheres no enterro, não fiquei tranquila... Então recorri ao sr. Petitfils para pedir uma opinião... Ele pensa, como eu, que é preciso fazer um inventário...

– Um inventário de quê?

– Dos objetos que nos pertencem e dos que pertenciam a William... Estamos trabalhando desde as duas da tarde...

Era visível. Havia pilhas de roupas de cama sobre as mesas, objetos disparatados no chão, livros amontoados, mais roupa de cama em cestas...

E o sr. Petitfils tomava notas, marcava cruzes ao lado da relação de objetos.

O que teria Maigret ido fazer ali? Não era mais a casa de Brown. Inútil buscar lá sua lembrança. Esvaziavam-se os armários, as gavetas, tudo era amontoado, separado, classificado.

– Quanto ao aquecedor, sempre me pertenceu – dizia a velha. – Eu já o usava há vinte anos, no alojamento em Toulouse.

– O senhor não quer tomar alguma coisa, comissário? – perguntava Gina.

Havia um copo usado: o do comerciante. Ele fumava, enquanto tomava notas, um dos charutos de Brown.

– Não, obrigado... Só vim lhes dizer...

Dizer-lhes o quê?

– ...que espero, amanhã, botar as mãos no assassino.

– Já?

Não estavam interessadas. Em compensação, a velha perguntava:

– O senhor deve ter ido ver o filho, não é? O que foi que ele disse? O que pretende fazer? Será que

tem a intenção de vir nos tomar tudo?

– Não sei... Acho que não...

– Seria uma vergonha! Uma gente tão rica! Mas são exatamente essas pessoas que...

A velha estava mesmo sofrendo! A dúvida era para ela uma tortura! Olhava para todas as velharias que a rodeavam com um medo atroz de perdê-las.

E Maigret tinha a mão na carteira! Bastaria abri-la, tirar uma pequena folha de papel, mostrá-la às duas mulheres...

Será que, de repente, elas não dançariam de alegria? Será até mesmo que a alegria, forte demais, não mataria a mãe?

Milhões e mais milhões! Milhões que elas ainda não possuíam, é verdade, que precisariam ir conquistar na Austrália, com grande apoio judicial!

Mas elas iriam! Ele imaginava vê-las desembarcar, descer do navio, lá longe, com ares dignos!

Não teriam mais um sr. Petitfils como conselheiro, e sim tabeliães, procuradores, advogados.

– Vou deixá-los trabalhar... Virei vê-las amanhã...

Continuava com o táxi à porta. Instalou-se sem dar o endereço, e o motorista esperou, segurando a porta entreaberta.

– Para Cannes... – disse afinal Maigret.

E eram sempre as mesmas palavras lhe vinham à cabeça.

“William Brown foi assassinado!”

“Sem criar caso!”

Maldito Brown! Se o ferimento tivesse sido no peito, daria para acreditar que ele se matara para atormentar o mundo. Mas ninguém se apunhala pelas costas, que diabo!

Não era mais ele quem intrigava Maigret! O comissário tinha a impressão de conhecê-lo tão bem quanto se tivesse sido seu amigo de vida inteira.

Primeiro, William na Austrália... Um rapaz rico, bem-educado, um pouco tímido, vivendo com os pais, casando-se quando chegou à idade com alguém adequado, fazendo filhos...

Aquele Brown se parecia com o Brown filho... Talvez fosse às vezes um pouco melancólico, com desejos perturbadores, mas devia atribuí-los a algum mal-estar passageiro e tomar laxantes.

O mesmo William na Europa... As barreiras que cediam de repente... Ele não podia mais se conter... Tudo o transtornava, todas as possibilidades que se ofereciam...

E ele se tornava um frequentador habitual daquele bulevar que se estende de Cannes a Menton... Iate em Cannes... Mesas de bacará em Nice... E o resto! E uma preguiça incomensurável de voltar *para lá*...

– Mês que vem...

E no mês seguinte era a mesma coisa!

Então, cortavam-lhe os proventos. O cunhado estava atento! Todos os Brown, e os defensores e partidários dos Brown se defendiam!

E ele era incapaz de abandonar seu bulevar, a atmosfera indolente da Côte, sua indulgência, sua

facilidade...

Fim do iate. Uma pequena mansão...

No terreno das mulheres, também descia alguns degraus, chegava a Gina Martini...

Tédio... Necessidade de desordem, de lassidão... A mansão de Cap d'Antibes era ainda burguesa demais...

Descobriu o Liberty Bar... Jajá... Sylvie...

E levava adiante o processo, lá longe, contra todos os Brown que permaneceram sensatos, para atormentá-los... Garantia através de um testamento que continuariam atormentados mesmo depois da sua morte...

Que estivesse certo ou não, era coisa que não dizia respeito a Maigret. Ainda assim, o comissário não podia deixar de comparar o pai com o filho, com Harry Brown, correto, senhor de si, que, ele sim, sabia como fazer as coisas.

Harry não gostava de desordem! Harry, apesar de tudo, tinha lá suas necessidades.

E instalava uma amante em Cap Ferrat... Uma amante como deve ser, sabendo viver, viúva ou divorciada, discreta...

Mesmo no hotel em que se hospedava não deveriam saber que ele passara a noite fora!

Ordem... Desordem... Ordem... Desordem...

Maigret era o árbitro, já que tinha o bendito testamento no bolso.

Poderia, em pouco tempo, soltar quatro mulheres na arena!

Nada mais extraordinário, mais pitoresco, do que a chegada, lá, das quatro mulheres de William Brown! Jajá e seus pés sensíveis, seus tornozelos inchados, seus seios cansados... Sylvie que, na intimidade, não suportava mais do que um penhoar sobre seu corpo magro...

Depois, a velha Martini e seu rosto coberto de placas de maquiagem. A moça e seu cheiro de almíscar que se tornava um cheiro *sui generis*.

Percorriam o famoso bulevar. Viam-se as luzes de Cannes.

“Sem criar caso!”

O táxi parava defronte ao Ambassadeurs e o motorista perguntava:

– Aonde devo levá-lo?

– A nenhum lugar! Aqui está bom!

Maigret pagou. O cassino estava iluminado. Alguns carros de luxo começavam a chegar, pois eram quase nove horas da noite.

E doze cassinos se iluminavam também entre Cannes e Menton! E centenas de carros de luxo...

Maigret foi a pé até a ruazinha, onde constatou que o Liberty Bar estava fechado. Nenhuma luz. Nada além da claridade de um poste que, através dos vidros da vitrine, lançava um reflexo indistinto sobre o zinco e o caça-níqueis.

Bateu. Surpreendeu-se com a barulheira que suas batidas fizeram na ruela. Um momento depois, uma porta se abria atrás dele, a do bar em frente. O rapaz fazia perguntas a Maigret.

– Está procurando Jajá?

– Estou.

– E quem é?

– O comissário.

– Neste caso, tenho um recado para o senhor... Jajá volta em alguns minutos... Ela me encarregou de lhe pedir que esperasse... Se quiser entrar...

– Não, obrigado.

Ele preferia andar. No bar em frente, havia alguns clientes de aparência não muito boa. Uma janela se abriu em algum lugar. Uma mulher, que ouvira o barulho, perguntou timidamente:

– É você, Jean?

– Não!

E Maigret, em largas passadas para cima e para baixo, repetia para si:

– Antes de tudo, é preciso saber quem matou William!

Dez horas... Jajá que não chegava... Sempre que ouvia passos, Maigret se sobressaltava, desejava que sua espera chegasse ao fim... Mas não era ela...

Como horizonte, cinquenta metros de uma ruela mal pavimentada, com dois metros de largura; a vitrine iluminada de um bar; o outro bar estagnado na sombra...

E casas velhas mal construídas, janelas que nem retangulares eram!

Maigret entrou no bar em frente.

– Ela não lhe disse aonde ia?

– Não! O senhor não quer tomar alguma coisa?

E os clientes, a quem tinha sido dito quem ele era, olhavam-no dos pés à cabeça.

– Não, obrigado!

Voltou a andar até a esquina, fronteira entre o mundo vergonhoso e os cais bem iluminados, animados por uma vida normal.

Dez e meia... Onze horas... O primeiro café da esquina se chamava Harry's Bar. Era de lá que Maigret havia telefonado à tarde, em companhia de Sylvie. Entrou, dirigiu-se para a cabine.

– A delegacia de polícia, por favor... Alô! Polícia? Fala o comissário Maigret... Os dois pássaros que lhes entreguei hoje por acaso receberam uma visita?

– Sim... Uma mulher gorda...

– Com quem ela falou?

– Primeiro com a mulher... Depois com o homem... Não sabíamos... O senhor não deixou instruções...

– E há quanto tempo foi isso?

– Uma boa hora e meia... Ela trouxe cigarros e bolos...

Maigret desligou, nervoso. Então, sem tomar fôlego, pediu o número do Provençal.

– Alô! Fala a polícia... É, o comissário que esteve aí mais cedo. Pode me dizer se o sr. Harry Brown

recebeu uma visita?

– Há quinze minutos... Uma mulher... Bastante malvestida...

– Onde ele estava?

– Jantando, no salão... Subiu com ela para o quarto...

– Ela já saiu?

– Estava descendo quando o senhor telefonou.

– Muito gorda, não é? Muito vulgar?

– Exatamente.

– Ela estava de táxi?

– Não... Saiu a pé...

Maigret desligou, sentou-se no bar e pediu chucrute e cerveja.

– Já já esteve com Sylvie e Joseph... Mandaram um recado para Harry Brown... Está voltando de ônibus, portanto leva ainda meia hora...

Comeu lendo um jornal que estava sobre uma das mesas. Falavam do suicídio de dois amantes, em Bandol. O homem era casado na Tchecoslováquia.

– O senhor quer legumes?

– Não, obrigado! Quanto lhe devo? Espere! Mais um chope... Preto...

E cinco minutos depois ele andava mais uma vez pela ruela, próximo à vitrine escura do Liberty Bar.

A cortina já deveria estar aberta, no cassino... Noite de gala. Ópera. Baile. Ceia. Danças. Roleta e bacará...

E isso ao longo dos sessenta quilômetros! Centenas de mulheres espreitando os convidados. Centenas de crupiês espreitando os jogadores! E centenas de gigolôs, dançarinos, garçons, espreitando as mulheres...

Centenas também de comerciantes, como o sr. Petitfils, com suas listas de mansões para vender ou alugar, espreitando os turistas...

De quando em quando, em Cannes, Nice ou Monte Carlo, um bairro mais mal iluminado do que os outros, ruelas, biroscas, sombras se esgueirando rente aos muros, mulheres velhas e jovens, caça-níqueis e salas dos fundos...

A escória...

Já já não chegava! Dez vezes Maigret estremeceu ao ouvir passos. No fim, não ousava mais passar defronte ao outro bar, cujo garçom o olhava com ironia.

Durante aquele tempo, havia milhares, dezenas de milhares de carneiros que pastavam a grama dos Brown, nas terras dos Brown, vigiados pelos criados dos Brown... Dezenas de milhares de carneiros que talvez estivessem sendo tosados – porque do outro lado do mundo devia ser dia claro – para encher os vagões de lã, e depois os navios de lã...

E marinheiros, oficiais, capitães...

E todas as embarcações que vinham para a Europa, os oficiais que verificavam os termômetros (para

garantir que a temperatura fosse favorável à carga) e os corretores, em Amsterdã, em Londres, em Liverpool, no Havre, que discutiam os preços...

E Harry Brown, no Provençal, que recebia telegramas dos irmãos, do tio, e que dava telefonemas a seus agentes...

No jornal, pouco antes, Maigret havia lido:

*O Comandante dos Crentes, chefe do Islã, casou a filha com o príncipe...*

E acrescentavam:

*Grandes festividades tiveram lugar na Índia, na Pérsia, no Afeganistão, em...*

E mais adiante:

*Um grande jantar foi oferecido em Nice, no Palais de la Méditerranée, onde se registrava...*

A filha do sumo sacerdote que se casava em Nice... Uma boda no bulevar de sessenta e alguns quilômetros... E lá, no fim do mundo, centenas de milhares de pessoas que...

Mas Jajá não chegava! Maigret conhecia todas as pedras do calçamento, todas as fachadas da ruela. Uma menina de tranças fazia os deveres perto de uma janela.

Teria o ônibus sofrido um acidente? Teria Jajá ido a outro lugar? Estaria fugindo?

Atrás da vitrine do bar, Maigret viu, colando a testa ao vidro, um gato que lambia as patas.

E continuavam as lembranças dos jornais:

*Informam da Côte d'Azur que S.M., o rei de ..., chegou à sua propriedade de Cap Ferrat acompanhado por...*

*Confirmam de Nice a prisão do sr. Graphopoulos, que foi interpelado no momento em que, numa sala de bacará, acabava de ganhar quinhentos e alguns mil francos utilizando um baralho viciado...*

Depois uma pequena frase:

*O subdiretor da polícia de costumes está envolvido.*

Ora bolas! Se William Brown cedesse, seria um pobre diabo a dois mil francos por mês obrigado a ser herói?

Maigret estava furioso. Estava cansado de esperar! Estava, acima de tudo, cheio daquela atmosfera que se chocava com o seu temperamento.

Por que tinha sido mandado para lá com uma ordem tão ridícula quanto: “Principalmente, nada de



criar caso!”?

Nada de criar caso? E se ele quisesse tornar público o testamento, um testamento verdadeiro, irrefutável? E mandar as quatro mulheres *para lá*?

Passos. Ele nem se virou! Alguns instantes depois, uma chave girava na fechadura, uma voz exausta suspirava:

– O senhor estava aí?

Era Jajá. Uma Jajá cansada, cuja mão tremia segurando a chave. Uma Jajá em trajes de gala, casaco cor de malva e sapatos vermelhos cor de sangue de boi.

– Entre... Espere... Vou acender a luz...

O gato já ronronava esfregando-se em suas pernas hidrópicas. Ela procurava o comutador.

– Quando penso naquela pobre Sylvie...

Enfim! Ela acendera a luz. Via-se claramente. O garçom do café em frente tinha seu rosto feio colado à vidraça.

– Entre, por favor... Não aguento mais... Tantas emoções...

E a porta da casa dos fundos se abria. Jajá andava direto até a lareira, que estava acesa, dava uma volta na chave, mudava uma panela de lugar.

– Sente-se, senhor comissário... O tempo de tirar esta roupa e serei toda sua...

Ela ainda não o tinha encarado. De costas para Maigret, repetia:

– Aquela pobre Sylvie...

E subia a escada para o mezanino, continuando a falar enquanto mudava de roupa, a voz um pouco mais alta:

– Uma boa menina... Se ela quisesse. Mas são sempre essas as que pagam pelos outros... Eu bem que lhe tinha dito...

Maigret se sentara diante da mesa sobre a qual havia restos de queijo, de patê, de sardinhas.

Ouvia, acima da cabeça, o barulho dos sapatos que Jajá tirava, dos chinelos que jogava no chão.

Depois o contorcionismo para tirar a calça, sem se sentar.

# CAPÍTULO IX

---

# CONVERSAS

– COM TANTAS EMOÇÕES, ainda por cima tenho os pés inchados...

Jajá tinha parado de ir e vir por um momento. Estava sentada. E, sem sapatos, passava as mãos nos pés doloridos, num gesto mecânico, enquanto falava.

Falava alto porque imaginava Maigret lá embaixo, e ficou espantada ao vê-lo surgir no alto da escada.

– O senhor estava aí? Não preste atenção na bagunça... Com todas as coisas que têm acontecido...

Maigret teria dificuldades para dizer por que tinha subido. Ou melhor: enquanto a ouvia falar, pensou de repente que ainda não conhecia o mezanino.

Agora, estava parado no alto da escada. Jajá continuava a acariciar os pés e a falar, com volúpia crescente.

– Será que eu pelo menos jantei? Acho que não... Fiquei tão fora de mim vendo Sylvie lá...

Ela também vestira um penhoar, mas sobre a combinação, que era de um rosa forte. Uma combinação muito curta, enfeitada com rendas, que fazia contraste com sua carne gorda e branca demais.

A cama estava desfeita. Maigret pensou que, se o vissem naquele instante, seria muito difícil acreditar que estava ali apenas para conversar.

Um quarto comum, menos pobre do que se poderia imaginar. Uma cama de acaju, muito burguesa. Uma mesa redonda. Uma cômoda. Em compensação, a jarra de toalete estava no meio do chão e a mesa estava atulhada de produtos de maquiagem, toalhas sujas, potes de creme.

Jajá suspirava, calçando afinal os chinelos.

– Fico me perguntando como vai acabar isso tudo!

– Era aqui que William dormia quando...

– Só tenho este cômodo, e as duas salas embaixo...

Num canto, havia um divã de veludo, gasto.

– Ele dormia no divã?

– Dependia... Podia ser eu...

– E Sylvie?

– Comigo...

O teto do quarto era tão baixo que o chapéu de Maigret o alcançava. A janela era estreita, enfeitada com uma cortina de veludo verde. A lâmpada do abajur não tinha cúpula.

Não era preciso grande esforço de imaginação para evocar a vida habitual daquele cômodo. William e Jajá que subiam, quase sempre bêbados, depois Sylvie que voltava da rua e deslizava para o lado da gorda...

Mas e a hora de acordar? Com a luz viva que vinha de fora...

Jajá nunca tagarelara tanto. Falava com voz dolente, como se esperasse ser motivo de pena.

– Aposto que vou cair doente... É, estou sentindo... Como há três anos, quando uns marinheiros brigaram bem em frente à minha casa... Houve um que levou um golpe de navalha e que...

Estava de pé. Olhava ao seu redor, procurando alguma coisa, depois se esquecendo do que procurava.

– O senhor já comeu? Venha! Vamos tomar alguma coisa...

Maigret a precedia na escada, observava-a se dirigir para o fogão, abastecê-lo com carvão, mexer uma panela com uma colher.

– Quando estou sozinha, não tenho coragem de cozinhar... E quando penso que Sylvie, agora, está...

– Mas me diga, Jajá...

– O quê?

– O que Sylvie lhe disse, hoje à tarde, enquanto eu estava no bar servindo um freguês?

– Ah, sei... Perguntei a ela o que eram os vinte mil... Então ela me respondeu que não sabia, que era uma armação de Joseph...

– E à noite?

– O que é que tem, à noite?

– Quando você foi vê-la na delegacia...

– É sempre a mesma coisa... Ela se pergunta que diabos Joseph pode ter aprontado...

– Ela está com esse Joseph há muito tempo?

– Ela está com ele sem estar com ele... Eles não vivem juntos... Ela o encontrou em algum lugar, com certeza quando fazia compras, de qualquer jeito aqui não foi... Ele lhe disse que poderia prestar-lhe alguns serviços, conseguir clientes... Claro, com a profissão que tem! É um rapaz que tem instrução, tem educação... O que não impede que eu jamais tenha gostado dele...

Numa panela, havia um resto de lentilhas, que Jajá virou num prato.

– Está servido? Não? Sirva-se de uma bebida... Eu não tenho mais coragem... Será que a porta de frente está fechada?

Maigret sentou-se a cavalo na cadeira invertida, como à tarde. Olhava-a comer. Escutava-a falar.

– O senhor entende, aquela gente, ainda mais quem trabalha em cassino, tem assuntos complicados para nós... E, no fim das contas, é sempre a mulher que acaba mal... Se Sylvie tivesse me ouvido...

– De que missão Joseph a encarregou, hoje à noite?

Ela ficou por um instante com cara de quem não compreende, com a boca cheia, olhando Maigret.

– Ah! Sei... Para o filho...

– O que foi dizer a ele?

– Que ele dê um jeito para que eles sejam soltos, senão...

– Senão o quê?

– Ah! Eu sei muito bem que o senhor não me deixará em paz... Mas o senhor vai reconhecer que eu nunca o tratei mal... Faço o que posso... Não tenho o que esconder.

Ele adivinhou a causa daquele jeito ansioso de falar, daquela voz chorosa.

No caminho, Jajá tinha parado em alguns bares para criar coragem!

– Primeiro, sempre fui eu quem segurou Sylvie e que a impedi de se envolver de todo com Joseph...

Depois, quando ainda há pouco eu entendi que havia alguma coisa...

– E então?

Foi mais cômico do que trágico. Enquanto comia, ela começou a chorar! E era um espetáculo grotesco, aquela mulher gorda de penhoar cor de malva, diante de um prato de lentilhas, choramingando como um garotinho.

– Não me apresse... Me deixe pensar! Se o senhor acha que consigo me lembrar de tudo... Ah! Me sirva uma bebida...

– Daqui a pouco!

– Me dê uma bebida e contarei tudo...

Ele cedeu, serviu-lhe uma dose pequena.

– O que quer saber? O que eu estava dizendo? Eu vi os vinte mil francos... Será que era William quem os tinha no bolso?

Maigret precisava fazer um esforço para manter a lucidez, porque, pouco a pouco uma contradição surgia, talvez por causa da atmosfera, mas sobretudo pelo discurso de Jajá.

– William...

De repente, entendeu! Jajá acreditava que os vinte mil francos tinham sido roubados de Brown na hora do assassinato.

– Foi nisso que você pensou ainda agora?

– Não sei mais no que pensei... Veja só! De repente, perdi a fome... O senhor não tem cigarros?

– Só fumo cachimbo.

– Deve haver um em algum lugar... Sylvie sempre tinha...

E ela procurava em vão nas gavetas.

– Continuam botando elas na Alsácia?

– Quem? O quê? Do que está falando?

– As mulheres... Como é mesmo o nome? A prisão de... Começa por Hau... No meu tempo...

– Quando você estava em Paris?

– É... Só se falava nisso... Parece que lá é tudo tão rigoroso que todas as prisioneiras tentavam se matar... E não faz muito tempo que li no jornal que existem condenadas de oitenta anos... Acabaram-se os cigarros... Sylvie deve ter levado...

– É ela que está com medo de ir para lá?

– Sylvie? Não sei... Pensei nisso no ônibus, voltando... Tinha uma mulher velha na minha frente e...

– Sente-se.

– É... Não se preocupe... Não consigo me controlar... Não estou bem em lugar nenhum... Estávamos

falando de quê?

E, com uma expressão angustiada nos olhos, ela passava a mão na testa, deixava cair no rosto uma mecha de cabelos vermelhos.

– Estou triste... Me dê uma bebida, vamos!

– Quando você me disser o que sabe...

– Mas eu não sei nada! O que eu saberia? Primeiro, estive com Sylvie... e daí? O guarda ficou do meu lado, ouvindo o que nós dizíamos... Eu estava com vontade de chorar... Sylvie me disse baixinho, quando me beijou, que era tudo culpa de Joseph...

– E depois você esteve com ele?

– É... Eu já disse isso... Ele me mandou a Antibes para prevenir Brown que se...

Ela procurava as palavras. Parecia que tinha ausências repentinas, como acontece com alguns bêbados. Nesses momentos, ela olhava para Maigret com cara de angústia, como se sentisse necessidade de se segurar nele.

– Não sei mais nada... Não posso ser torturada... Eu sou só uma pobre mulher... Sempre tentei agradar todo mundo...

– Não! Um momento.

Maigret lhe tirava das mãos o copo que ela acabava de agarrar, pois previa a hora em que, caindo de bêbada, ela adormeceria.

– Harry Brown a recebeu?

– Não... Sim... Ele me disse que, se me visse de novo na frente dele, mandaria me trancafiar...

E de repente, triunfante:

– Hossegor! Não, Hossegor é outra coisa... é num romance... Haguenau... Isso!

Era o nome da prisão a que tinha se referido antes.

– Parece que elas não têm nem mesmo direito de falar... O senhor acha que é verdade?

Ela nunca dera a Maigret tal impressão de inconsistência. A tal ponto que, em alguns momentos, era possível se perguntar se ela não tinha voltado à infância.

– É evidente que, se Sylvie é cúmplice, ela irá para...

Então, mais do que nunca, e mais depressa, ela começou a falar, e rubores febris lhe subiam ao rosto.

– Hoje à tarde eu entendi uma porção de coisas... Os vinte mil francos, agora, eu sei o que são... Foi Harry Brown, o filho de William, que trouxe para pagar...

– Pagar o quê?

– Tudo!

E ela o olhava com um ar de triunfo, de desafio.

– Eu não sou tão idiota quanto pareço... Quando o filho soube que existia um testamento...

– Espere! Você conhecia esse testamento?

– Foi no mês passado que William falou nele... Estávamos aqui, os quatro...

– Quer dizer, você, Sylvie e Joseph...

– É... Tinha bebido uma garrafa inteira, porque era o aniversário de William.. E falávamos de um monte de coisas... Quando ele bebia, contava coisas da Austrália, da mulher dele, do cunhado...

– E o que foi que William disse?

– Que eles iriam todos ter uma surpresa quando ele morresse! Tirou o testamento do bolso e nos leu uma parte... Não foi tudo... Ele não quis ler o nome das duas outras mulheres... Avisou que qualquer dia o registraria num cartório...

– Isso foi há um mês? E, nessa ocasião, Joseph conhecia Harry Brown?

– Com ele, nunca se sabe... Ele conhece muita gente, por causa da profissão...

– E você acha que ele avisou o filho?

– Não estou dizendo isso. Não digo nada... Só que a gente não pode deixar de pensar... Veja bem, aqueles ricos, eles não valem mais do que os outros... Então, suponha que Joseph tenha ido contar tudo a ele... O Brown filho, com ar de quem não quer nada, lhe disse que gostaria de ter o testamento... Mas, como William poderia fazer outro, seria melhor que William também morresse...

Maigret não percebeu. Ela se servira de bebida. Era tarde demais para impedi-la de esvaziar o copo. O comissário, quando ela voltou a falar, recebeu no rosto um hálito pavoroso, saturado de álcool.

E ela se inclinava! Aproximava-se dele! Assumia ares misteriosos, importantes!

– ... também morresse! Era isso mesmo o que eu estava dizendo? Então, falam em dinheiro... Por vinte mil francos... E talvez mais vinte mil que seriam pagos depois... Nunca se sabe... Eu digo o que penso... Porque essas coisas nunca são pagas de uma vez só... Quanto a Sylvie...

– Ela não sabia de nada?

– Mas se eu estou lhe afirmando que ninguém me disse nada! Será que não bateram à porta?

Ela enrijeceu, de repente, de medo. Para tranquilizá-la, Maigret foi obrigado a ir entreabrir a porta de entrada. Quando voltou, percebeu que ela aproveitara para beber de novo.

– Eu não lhe disse nada! Eu não sei nada... O senhor entende? Eu sou só uma pobre mulher! Uma pobre mulher que perdeu o marido e que...

E eis que ela explodia outra vez em soluços, o que era ainda mais penoso do que todo o resto.

– Na sua opinião, Jajá, o que teria William feito naquele dia, entre duas e cinco horas da tarde?

Ela olhou-o sem responder, sem parar de chorar. Embora seus soluços já fossem menos sinceros.

– Sylvie tinha saído alguns minutos antes dele... Você não acha que eles poderiam, por exemplo...

– Quem?

– Sylvie e William...

– Que poderiam o quê?

– Não sei... Se encontrar em algum lugar... Sylvie não é feia... É jovem... E William...

Ele não tirava os olhos dela. Continuou a frase, com falsa indiferença:

– Eles se encontram em algum lugar, onde Joseph os espiona e executa seu golpe...

Ela não respondeu. Em vez disso, olhou para Maigret franzindo as sobrancelhas, como se fizesse um

violento esforço para entender. E tal esforço era explicável. Ela estava com os olhos turvos e seus pensamentos também não deviam ser claros.

– Harry Brown, sabedor da existência do testamento, encomenda o crime... Sylvie atrai William a um lugar propício... Joseph dá o golpe... Depois, Harry Brown é convidado a entregar o dinheiro a Sylvie, num hotel em Cannes...

Ela não se movia. Escutava, perplexa, ou embrutecida.

– Joseph, apanhado, manda você dizer a Harry que, se ele não os libertar, falará...

Ela, literalmente, gritou:

– É isso! É, é isso...

Ela estava de pé. Ofegava. Parecia dividida entre a vontade de soluçar e a de estourar numa gargalhada.

De repente, tomou a cabeça nas mãos, num gesto convulso, despenteou os cabelos, sapateou.

– É isso! E eu... Eu... Eu que...

Maigret continuava sentado, olhando-a com algum espanto. Será que ela iria ter uma crise de nervos, desmaiar?

– Eu... Eu...

Ele não teve como prever o gesto. Ela agarrou de repente a garrafa e atirou-a no chão, onde explodiu com um estrondo.

– Eu que...

Pelas duas portas, só se via a claridade de um poste e se ouvia o garçom do bar em frente fechando as janelas. Devia ser muito tarde. Há muito tempo não se ouviam os bondes.

– Eu não quero, o senhor entende? – ela gania. – Não! Isso não! Eu não quero... Não é verdade... É...

– Jajá!

Mas ouvir o seu nome não a acalmava. Ela estava no ápice do frenesi e, com a mesma brusquidão com que havia apanhado a garrafa, abaixou-se, apanhou alguma coisa, gritou:

– Haguenau não... Não é verdade... Sylvie não...

Em toda a sua carreira, Maigret nunca havia presenciado espetáculo tão ignóbil. Era um pedaço de vidro o que ela tinha nas mãos. E enquanto falava ela cortava o pulso, bem no lugar da artéria...

Seus olhos estavam esbugalhados. Parecia louca.

– Haguenau... Eu... Sylvie não!

Um jato de sangue jorrou no instante em que Maigret conseguiu afinal agarrar-lhe os dois braços. O comissário recebeu-o na mão e na gravata.

Durante alguns segundos, Jajá, aterrada, desamparada, olhou para aquele sangue vermelho que corria e que lhe pertencia. Depois amoleceu. Maigret a sustentou por um instante, deixou-a escorregar para o chão, procurou, com o dedo, apertar a artéria.

Era preciso um barbante. Ele olhava, apreensivo, ao seu redor. Havia um fio elétrico na ponta do qual havia um ferro de passar. Arrancou-o. Enquanto isso, o sangue continuava a correr.



Voltou, afinal, para Jajá, que não mais se mexia, e enrolou o fio em seu punho, apertando-o com toda força.

Na rua, nada mais havia além da luz do lampião a gás. O bar em frente estava fechado.

Ele saiu, andar indeciso, viu-se no ar morno da noite, dirigiu-se para a rua mais iluminada que começava a duzentos metros.

De lá, viam-se as rampas luminosas do cassino, os carros, os motoristas agrupados perto do porto. E os mastros dos iates que mal se mexiam.

Um guarda de trânsito estava imóvel no meio do cruzamento.

– Um médico... No Liberty Bar... Depressa...

– Não é o barzinho que...?

– É! O barzinho que! – berrou Maigret com impaciência. – Mas que venha depressa, droga!

# CAPÍTULO X

---

# O DIVÃ

OS DOIS HOMENS SUBIAM a escada com precaução, mas o corpo era pesado, a passagem estreita. Tanto que Jajá, carregada pelos ombros e pelos pés, dobrada ao meio, batia ora no corrimão, ora na parede, e seu corpo ainda roçava os degraus.

O médico, esperando a vez de subir, olhava ao seu redor com curiosidade, enquanto Jajá gemia baixo, como um animal inconsciente. Um gemido tão fraco, tão estranhamente modulado que, embora ecoasse pelo cômodo, dele não se podia adivinhar a origem, como acontece às vezes com a voz emitida pelos ventríloquos.

No quarto abaixo do mezanino, Maigret preparava a cama, depois dava uma ajuda aos guardas para erguer um pouco mais Jajá, que era pesada, inerte, e que no entanto parecia uma grande boneca falante.

Será que ela se dava conta de suas peregrinações? Sabia onde estava? De vez em quando, abria os olhos, mas não olhava para lugar algum, para ninguém.

Continuava a gemer, sem uma crispação do rosto.

– Ela está sofrendo muito? – perguntou Maigret ao médico.

Era um velhote bem gentil, meticoloso, constrangido por estar num cenário daqueles.

– Ela não deve estar sofrendo, nem um pouco. Imagino que esteja medicada. Ou é o medo...

– Ela tem consciência do que acontece?

– Pela aparência, acredito que não. No entanto...

– Ela está completamente bêbada! – suspirou Maigret. – Eu só me perguntava se a dor a teria acordado...

Os dois guardas esperavam instruções e também olhavam em volta com curiosidade. As cortinas não estavam fechadas. Maigret avistou, atrás da janela do outro lado da rua, a silhueta mais clara de um rosto num quarto sem luz. Baixou a persiana, chamou um guarda de lado.

– Você vai me trazer a mulher que mandei prender há pouco... Uma tal de Sylvie. Mas o homem, não!

E, para o outro:

– Espere lá embaixo.

O médico tinha feito tudo o que era preciso. Depois de colocar pinças hemostáticas, recolocara a artéria no lugar com grampos. Agora, olhava com ar aborrecido para aquela mulher gorda que continuava a gemer. Por desencargo de consciência, tomou-lhe o pulso, apalpou-lhe a testa, as mãos.

– Venha até aqui, doutor! – disse Maigret, que estava encostado num canto do cômodo.

E, em voz baixa:

– Eu gostaria que o senhor aproveitasse a imobilidade dela para fazer um exame geral... Os órgãos vitais, evidentemente...

– Como quiser! Como quiser!

Estava cada vez mais perplexo, o pobre doutor, e devia se perguntar se Maigret era parente de Jajá. Escolheu apetrechos em sua maleta e, sem se apressar, mas sem convicção, começou a tomar a pressão arterial.

Descontente, repetiu a operação três vezes, inclinou-se para o peito, afastou o penhoar e procurou uma toalha limpa para estender entre sua orelha e o seio de Jajá. Não havia. Ele usou o próprio lenço.

Quando enfim se levantou, tinha a expressão fechada.

– É claro!

– O que é claro?

– Ela não terá muito tempo de vida! O coração está exausto. Além do mais, está hipertrofiado e a pressão arterial é apavorante...

– Quer dizer que ela tem...?

– Isso é outra história... Se fosse uma de minhas pacientes, eu a poria em repouso absoluto, no campo, com um regime extremamente severo...

– Sem álcool, é claro!

– Sobretudo sem álcool! Dieta absoluta!

– E ela poderia ser salva?

– Eu não disse isso! Digamos que lhe daria mais um ano...

Os dois ficaram atentos ao mesmo tempo, porque acabavam de perceber o silêncio que os cercava. Faltava alguma coisa no ambiente, e essa alguma coisa eram os gemidos de Jajá.

Quando se viraram para a cama, eles a viram, a cabeça apoiada num braço, o olhar duro, o peito ofegante.

Ela ouvira. Ela compreendera. E era o pequeno doutor que ela parecia considerar responsável pelo seu estado.

– A senhora está se sentindo melhor? – perguntou ele, para dizer alguma coisa.

Então, com desprezo, ela voltou a se deitar, sem falar, e fechou os olhos.

O médico não sabia se ainda precisavam dele. Começou então a arrumar seus instrumentos na maleta e com certeza fazia para si mesmo um discurso, porque de vez em quando sacudia a cabeça com ar de aprovação.

– O senhor pode ir – disse Maigret quando o viu pronto. – Imagino que não haja nada mais a temer.

– Nada imediato, pelo menos...

Quando ele saiu, Maigret sentou-se numa cadeira, aos pés da cama, e encheu um cachimbo, porque o cheiro de farmácia reinante no quarto o enjoava. Escondeu debaixo do armário, não sabendo onde colocá-la, a bacia que servira para lavar o ferimento.

Estava calmo e cansado. Seu olhar estava pousado no rosto de Jajá, que parecia mais inchado do que nunca. Talvez fosse porque os cabelos, puxados para trás, fossem poucos, descobrindo uma grande testa abaulada, com uma pequena cicatriz acima da têmpora.

À esquerda da cama, o divã.

Jajá não dormia. Ele tinha certeza. O ritmo de sua respiração era irregular. Os cílios fechados estremeciam com frequência.

Em que pensaria? Ela sabia que ele estava lá, olhando-a. Sabia agora que sua máquina estava defeituosa e que não teria muito tempo de vida.

O que estaria pensando? Que imagens desfilariam por trás daquela testa abaulada?

E de repente ela se erguia, frenética, num só movimento, e olhou para Maigret com as pupilas aumentadas, gritando:

– Não me deixe! Estou com medo! Onde ele está? Onde ele está, o homenzinho? Eu não quero...

Ele se aproximou para acalmá-la e foi bem a contragosto que exclamou:

– Fique tranquila, minha velha!

Com certeza, uma velha! Uma pobre criança velha encharcada de álcool, com os tornozelos tão inchados que andava como um elefante.

E, no entanto, ela já tinha percorrido quilômetros e mais quilômetros, lá longe, ao lado da Porte Saint-Martin, num mesmo trecho de calçada!

Ela deixou, dócil, que sua cabeça fosse empurrada de volta sobre o travesseiro. Não devia mais estar bêbada. Ouvia-se o guarda de trânsito que, no térreo, encontrara uma garrafa e se servia, sozinho na sala dos fundos. No mesmo instante, ela apurou o ouvido e perguntou, ansiosa:

– Quem é?

Mas outros barulhos chegavam. Passos, na ruazinha, depois uma voz de mulher sem fôlego – pois ela andava depressa! – que perguntava:

– Por que não tem luz no bar? O que...?

– Psiu! Não faça muito barulho...

E batidas leves na veneziana. O guarda no térreo que ia abrir. Outros ruídos, na sala dos fundos, e enfim os passos de alguém que subia correndo a escada.

Jajá, apavorada, olhava para Maigret com angústia. Quase gritou ao vê-lo andar até a porta.

– Podem ir, vocês dois! – exclamou o comissário, afastando-se para deixar Sylvie entrar.

E Sylvie parava de repente no meio do quarto, a mão sobre o coração que batia depressa demais. Esquecera o chapéu. Não compreendia coisa alguma. Olhava para a cama com os olhos parados.

– Jajá...

No térreo, o que já tinha bebido devia estar servindo o outro, pois copos se batiam. Depois a porta de entrada abriu e fechou. Passos se afastaram em direção ao porto.

Maigret fazia tão pouco barulho, movia-se tão pouco que sua presença poderia ser esquecida.

– Minha pobre Jajá...

Entretanto, Sylvie não corria até ela. Alguma coisa a retinha: o olhar gelado que a velha lançava sobre ela.

Então Sylvie se virava para Maigret, balbuciava:

– Será que...?

– Será que o quê?

– Nada... Não sei... O que é que ela tem?

Coisa estranha: apesar da porta fechada, apesar da distância, ouvia-se o tique-taque do despertador, tão rápido, tão brusco que dava a impressão de que, tomado de vertigem, iria pelos ares.

Outra crise de Jajá se aproximava. Podia-se senti-la nascer, animar pouco a pouco seu corpo gordo e mole, iluminar seus olhos, secar-lhe a garganta. Mas ela se controlava. Fazia um esforço para se conter enquanto Sylvie, desamparada, não sabendo o que fazer, nem aonde ir, nem como se comportar, continuava no meio do quarto, cabeça baixa, mãos juntas no peito.

Maigret fumava. Não estava mais impaciente. Sabia que tinha fechado o círculo.

Não havia mais mistério, nenhum imprevisto possível. Todos os personagens estavam em seus lugares: as duas Martini, a moça e a velha, na mansão onde procediam ao inventário com a ajuda do sr. Petitfils; Harry Brown no Provençal, onde esperava sem ansiedade o resultado do inquérito, enquanto conduzia seus negócios através de telefonemas e telegramas...

Joseph na prisão...

E eis que afinal Jajá se erguia, impaciente, nervos à flor da pele. Olhava para Sylvie com raiva. Apontava para ela com a mão que funcionava.

– Foi ela! Foi este veneno! Foi esta p...!

E ela tinha berrado o maior palavrão de seu vocabulário. Lágrimas lhe pulavam das pálpebras.

– Eu a odeio, está me ouvindo? Eu a odeio! Foi ela! Ela me enganou por muito tempo! E sabe como ela me chamava? *A velha!* É! *A velha!* Eu que...

– Deite-se, Jajá – disse Maigret. – Você vai passar mal...

– Ah! O senhor...

E de repente, com energia renovada:

– Mas não vão me apanhar! Eu não vou para Haguenau... Está me ouvindo? Ou então ela também vai... Eu não quero... Eu não quero...

Sua garganta estava tão seca que ela olhava instintivamente em volta, à procura do que beber.

– Vá buscar a garrafa! – disse Maigret a Sylvie.

– Mas... Ela já está...

– Vá...

E ele foi até a janela, assegurou-se de que não eram mais observados da casa em frente. Pelo menos, não viu ninguém atrás dos vidros.

Um pedacinho de rua de calçamento irregular... Um lampião... A tabuleta do bar em frente...

– Eu sei muito bem que o senhor a protege, porque ela é moça... Pode ser até que ela já lhe tenha feito propostas, ao senhor também...

Sylvie voltava, olhos fundos, corpo largado, entregava a Maigret uma garrafa de rum pela metade.

E Jajá dava risinhos:

– Agora que eu vou morrer eu posso, não é? Ouvi muito bem o doutor...

Mas só a ideia deixava-a em pânico. Tinha medo de morrer. Os olhos se esbugalhavam.

Mesmo assim, pegou a garrafa. Bebeu com avidez, observando os dois.

– A velha que vai morrer! Mas eu não quero! Quero que ela morra antes de mim... Porque foi ela...

De repente, parava de falar. Como alguém que perde o fio da meada. Maigret não fazia movimento algum, esperava.

– Ela falou? Tenho certeza de que ela falou, senão não estaria solta... Enquanto eu, eu tentei tirá-la de lá... Porque não é verdade que Joseph me mandou falar com o filho, em Antibes... Fui eu sozinha... O senhor entende?

Mas claro! Maigret entendia tudo! Há pelo menos uma hora que não precisava ouvir mais nada.

Mostrou o divã, com um gesto vago.

– Não era William quem dormia ali, não é verdade?

– Não, ele não dormia ali! Ele dormia aqui, na minha cama! William era meu amante! William vinha aqui por minha causa, só por minha causa, e era ela, que eu acolhia por caridade, quem ocupava o divã... O senhor ainda não tinha desconfiado?

Ela gritava tudo aquilo com voz rouca. Dali em diante, só era preciso deixá-la falar. Aquilo saía do mais fundo dela. Era todo o fundo da alma que vinha à tona, a verdadeira Jajá, a Jajá toda nua.

– A verdade é que eu o amava, que ele me amava! Ele compreendia que, se eu não tinha recebido educação, ou instrução, não era culpa minha... Ele era feliz comigo... Ele me dizia... Ele não gostava de ir embora... E, quando voltava, era como um garoto que afinal deixam entrar de férias...

Ela chorava enquanto falava e isso provocava uma estranha careta que a luz rosada do abajur tornava ainda mais alucinante.

Ainda mais porque um de seus braços estava preso num aparelho!

– E eu não desconfiava! Eu era uma idiota! A gente sempre é idiota nesses casos! Era eu quem convidava esta garota, que a fazia ficar, porque achava que a casa era mais alegre com um pouco de juventude...

Sylvie não se movia.

– Olhe só para ela! Ainda caçoa de mim! Ela sempre foi a mesma, e eu, grande idiota que eu era, achava que era timidez... Ficava toda emocionada... Quando penso que era com o meu penhoar que ela o excitava mostrando tudo o que tem para mostrar!

“Porque ela o queria! Ela e o cafetão do Joseph... William tinha dinheiro, caramba! E eles...

“Veja! O testamento...”

E ela agarrou a garrafa, bebeu com tanto desespero que se ouviam os goles na garganta. Sylvie aproveitou para olhar para Maigret com ar de súplica. Mal se aguentava de pé. Via-se que oscilava.

– Foi daqui que Joseph roubou... Não sei quando... Com certeza uma noite em que tínhamos bebido... William tinha falado... E o outro deve ter achado que o filho pagaria caro por aquele pedaço de papel...

Maigret mal escutava aquele relato que adivinhava. Em compensação, olhava o quarto, a cama, o

divã...

William e Jajá...

E Sylvie no divã...

Aquele pobre William que, evidentemente, devia fazer comparações...

– Desconfiei de alguma coisa quando, no final do almoço, vi Sylvie sair dando uma olhada para Will... Eu ainda não acreditava... Mas logo depois que ela saiu ele falou em ir também... Em geral, ele nunca saía daqui antes de anoitecer... Eu não disse nada... Eu me vesti...

A cena decisiva, que Maigret já reconstituíra há muito tempo! Joseph que vinha fazer uma visitinha e já tinha o testamento no bolso! Sylvie que se vestira mais cedo do que de costume e que almoçara já pronta para sair logo depois de comer...

Aqueles olhares que Jajá percebia... Não falava... Comia... Bebia... Mas foi só William sair e ela vestiu um casaco em cima das roupas caseiras...

Ninguém mais no bar! A casa vazia! A porta fechada...

Corriam uns atrás dos outros...

– Sabe onde ela esperava por ele? No Hotel Beauséjour... E eu, na rua, indo e vindo como uma louca... Tive vontade de bater na porta, de suplicar a Sylvie que me devolvesse... Na esquina, há uma loja de facas... E enquanto eles... Enquanto eles estavam lá em cima, eu olhava a vitrine... Não sabia mais... Tudo me doía... Entrei... Comprei uma faca de mola... Acho que eu estava chorando...

“Depois, eles saíram juntos... William estava todo diferente, parecia mais moço... Chegou a empurrar Sylvie para dentro de uma confeitaria e a comprar uma caixa de chocolates...”

“Eles se separaram na frente da oficina...”

“E foi então que eu comecei a correr... Eu sabia que ele ia voltar para Antibes... Fiquei no meio do caminho, bem na saída da cidade... Começava a escurecer... Ele me viu... Parou o carro...”

“E eu gritei:

“– Toma! Toma! Esta é pra você! E esta é pra ela!”

Ela desabou na cama, o corpo encolhido, o rosto banhado de lágrimas e de suor.

– Nem sei como ele foi embora... Deve ter me empurrado, fechado a porta...

“Eu estava sozinha no meio da estrada e quase fui esmagada por um ônibus... Não estava mais com a faca... Pode ser que tenha ficado no carro...”

O único detalhe no qual Maigret não havia pensado: a faca que William Brown, os olhos já nublados, deve ter tido a presença de espírito de jogar numa valeta!

– Voltei para casa tarde...

– É... Os bares...

– Acordei na minha cama, passando mal...

E sentando-se, outra vez:

– Mas eu não irei para Haguenau! Não irei! Todos vocês podem tentar me levar! O doutor falou: eu vou morrer... E vai ser esta pu...



Houve um barulho de cadeira arrastada. Era Sylvie que puxava uma cadeira e que desmaiava, sentada de lado.

Um desmaio lento, progressivo, mas que não era simulado. As narinas estavam dilatadas, amareladas. E as órbitas estavam brancas.

– Bem feito para ela! – exclamou Jajá. – Deixe ela aí! Ou não... Eu não sei... Eu não sei mais... Pode ser que tenha sido Joseph quem armou tudo... Sylvie! Minha pequena Sylvie...

Maigret se debruçava sobre a moça. Dava-lhe palmadinhas nas mãos, no rosto.

Via Jajá apanhar a garrafa e beber de novo, bombear o rum que a fez tossir desesperadamente.

Depois a boneca gorda suspirou, enfiou a cabeça no travesseiro.

Só então ele tomou Sylvie nos braços, desceu com ela ao térreo, molhou sua testa com água fria.

A primeira coisa que ela disse ao abrir os olhos foi:

– Não é verdade...

Um desespero profundo, absoluto.

– Quero que o senhor saiba que não é verdade... Não estou tentando me fazer de melhor do que sou... Mas não é verdade... Eu gosto muito de Jajá! Era ele quem queria... Será que o senhor entende? Há meses ele me olhava com um olhar perturbado... Me suplicava... E como eu poderia recusar, se todas as noites, com outros...

– Psiu! Mais baixo...

– Não faz mal se ela ouvir! E, se ela refletisse, compreenderia... Eu nem quis dizer nada a Joseph, de medo que ele se aproveitasse... Tive um encontro com ele...

– Só um?

– Só um... Veja só! É verdade que ele me comprou chocolates... Ele estava louco... Tão louco que me dava medo... Ele me tratava como a uma mocinha...

– Isso é tudo?

– Eu não sabia que tinha sido Jajá quem... Não! Palavra! Eu achava que tinha sido Joseph... Eu estava com medo... Ele me disse que eu tinha que voltar ao Beauséjour, que alguém me daria dinheiro...

E, mais baixo:

– O que eu poderia fazer?

Ouviam-se gemidos, outra vez, vindos de cima. Os mesmos gemidos de antes.

– Os ferimentos dela são muito graves?

Maigret ergueu os ombros, subiu ao primeiro andar, viu que Jajá dormia e que vinham do seu sono aqueles gemidos angustiados.

Desceu mais uma vez, encontrou Sylvie que, nervosa e tensa, prestava atenção a todos os ruídos da casa.

– Ela está dormindo! – sussurrou ele. – Psiu!

Sylvie não compreendia, olhava aterrorizada para Maigret, que enchia um novo cachimbo.

– Fique com ela... Quando ela acordar, diga-lhe que fui embora... Para sempre...

– Mas...

– Diga-lhe que ela sonhou, que teve pesadelos, que...

– Mas... Não estou entendendo... E Joseph?

Ele a olhou nos olhos. Tinha as mãos nos bolsos. Tirou as vinte notas que continuavam ali.

– Você o ama?

E ela:

– O senhor bem sabe que a gente precisa de um homem! Senão...

– E William?

– Não era a mesma coisa... Ele era de um outro mundo... Ele...

Maigret andava em direção à porta. Virou-se mais uma vez, girando a chave na fechadura.

– Deem um jeito para que não se fale mais do Liberty Bar... Entendido?

A porta estava aberta para o ar frio da rua. Do asfalto exalava uma umidade que parecia névoa.

– Eu não imaginava que o senhor fosse assim.. – balbuciou Sylvie que não sabia mais o que dizer. – Eu... Já... Eu juro que ela é a melhor mulher da face da terra...

Ele lhe deu as costas, ergueu os ombros, começou a andar na direção do porto, parou um pouco mais adiante, depois do lampião, para reacender o cachimbo que se apagara.

# CAPÍTULO XI

---

# UM CASO DE AMOR

MAIGRET DESCRUZOU AS PERNAS, fitou seu interlocutor nos olhos, estendeu-lhe uma folha de papel timbrado.

– Posso?... – perguntou Harry Brown com um olhar ansioso para a porta atrás da qual estavam seu secretário e sua datilógrafa.

– É todo seu.

– Veja, estou pronto a lhes dar uma indenização... Cem mil francos para cada uma, por exemplo... O senhor me compreende? Não é uma questão de dinheiro: é uma questão de escândalo... Se essas quatro mulheres aparecessem *por lá* e...

– Eu compreendo.

Pela janela, via-se a praia de Juan-les-Pins, cem pessoas em roupa de banho estendidas na areia, três moças que faziam ginástica com um professor alto e magro e um argelino que ia de um grupo a outro com uma cesta de amendoins.

– O senhor acha que cem mil francos...?

– Muito bem! – disse Maigret, levantando-se.

– O senhor não tomou seu drinque.

– Não, obrigado.

E Harry Brown, correto, bem penteado, hesitava um instante e arriscava:

– Veja, senhor comissário, por um momento acreditei que o senhor fosse um inimigo... Na França...

– Sim?

Maigret dirigia-se para a porta. O outro o seguia, continuando, menos seguro de si:

– ... o escândalo não tem a mesma importância do que em...

– Boa noite, senhor!

E Maigret inclinou-se, sem estender a mão, saiu do apartamento no qual se amontoavam os assuntos da lã.

– Na França... Na França... – resmungava o comissário ao descer a escadaria forrada de tapetes vermelhos.

E daí? O que, na França? Como se chamava a ligação de Harry Brown com a viúva ou divorciada de Cap Ferrat?

Um caso de amor!

Então... E o caso de William com Jajá, com Sylvie?

E Maigret, ao longo da praia, era obrigado a contornar corpos seminus. Andava por entre peles

douradas, valorizadas por maiôs coloridos.

Boutigues o esperava junto à cabine do professor de ginástica.

– E então?

– Encerrado! William Brown foi morto por um malfeitor desconhecido que queria roubar sua carteira...

– Mas... No entanto...

– O quê? Sem criar caso! Então...

– Entretanto...

– Sem criar caso! – repetiu Maigret olhando a água azul, absolutamente lisa, sobre a qual evoluíam canoas. – Será que há lugar para dramas, aqui?

– O senhor está vendo aquela moça de maiô verde?

– Tem pernas finas.

– Pois muito bem! – exclamou Boutigues, triunfante. – O senhor jamais adivinharia quem é ela... A filha de Morrow...

– Morrow?

– O homem do diamante... Uma das dez ou doze fortunas que...

O sol estava forte. Maigret, de terno escuro, sobressaía-se entre as peles nuas. Da varanda do cassino chegavam ondas de música.

– O senhor bebe alguma coisa?

Boutigues vestia cinza-claro e ostentava um cravo vermelho na lapela.

– Eu bem lhe disse que aqui...

– É... aqui...

– O senhor não gosta do lugar?

E, num gesto lírico, mostrava a baía de um azul inacreditável, o Cap d'Antibes e suas casas claras refugiadas no verde, o cassino amarelo como aspargos com creme, as palmeiras da beira-mar...

– O gordo que o senhor vê ali, com uma sunga listrada, é o mais importante diretor de jornais da Alemanha...

E Maigret, cujos olhos tinham um tom cinzento de melancolia, depois de uma noite sem dormir, resmungava:

– E daí?

– Você está contente por eu ter feito bacalhau ao molho branco?

– Você não pode imaginar a que ponto!

Boulevard Richard-Lenoir. Apartamento de Maigret. Uma janela dando para pobres amendoeiras enfeitadas ainda por poucas folhas.

– E o que era aquele caso todo?

– Um caso de amor! Mas, como tinham me dito “Sem criar caso”...

Os dois cotovelos sobre a mesa, ele comia o bacalhau com apetite. Falava com a boca cheia.

– Um australiano que se encheu da Austrália e dos carneiros...

– Não entendo.

– Um australiano que teve vontade de viver a vida e que viveu...

– E então?

– Então? Nada! Ele foi viver sua vida, e a mulher, os filhos e o cunhado lhe cortaram o dinheiro...

– Isso não é interessante!

– Nem um pouco! É o que eu dizia... Ele continuou a viver lá, na Côte d'Azur...

– Dizem que é tão bonito...

– Maravilhoso! Ele alugou uma mansão... Depois, como estava muito sozinho, trouxe uma mulher...

– Começo a entender!

– Nadinha... Passe-me o molho... Quase não tem cebola...

– São as cebolas de Paris que não têm gosto... Botei meio quilo... Continue...

– A mulher se instalou na mansão e instalou também a mãe...

– Mãe dela?

– É... Então, aquilo não teve mais a menor graça e o australiano foi buscar diversão em outro lugar...

– Arrumou uma amante?

– Perdão! Amante ele já tinha! E com a mãe. Ele descobriu um bar e uma velhota que bebia com ele...

– Que bebia?

– É! Quando bebiam, eles viam o mundo de outra maneira... Eram o centro do mundo... Contavam histórias um para o outro...

– E depois?

– A velhota achava que tinha acontecido.

– Que tinha acontecido o quê?

– Que alguém a amava! Que tinha encontrado a alma gêmea! E tudo mais!

– Tudo mais o quê?

– Nada! Eles eram um casal! Um casal da mesma idade... Um casal que conseguia se embebedar do mesmo jeito...

– O que aconteceu?

– Havia uma pequena protegida... Seu nome era Sylvie... O velho se enrabichou pela Sylvie...

A sra. Maigret olhou para o marido com ar de censura.

– Mas que história é essa?

– A verdade! Ele se enrabichou por Sylvie, e Sylvie não queria, por causa da velha... Depois ela deve ter querido sim, porque, afinal, o australiano era o personagem principal.

– Não vejo aonde você quer chegar...

– Não faz mal... O australiano e a garota se encontraram no hotel...

– Eles enganaram a velha?

– Exatamente! Viu como você entende? Então, a velha, que por sua vez entendeu que não valia mais nada, matou o amante... Este bacalhau está uma maravilha...

– Continuo não entendendo...

– O que é que você não entende?

– Por que não prenderam a velha? Pois, afinal, ela...

– Nada disso!

– Como, nada disso?

– Passe a travessa... Tinham me dito: “Sobretudo, sem criar caso”... Em outras palavras, sem fazer dramas! Porque o filho, a mulher e o cunhado australiano são gente importante... Gente capaz de pagar muito caro por um testamento...

– Mas que história é essa agora de testamento?

– Seria muito complicado... Enfim, um caso de amor... Uma mulher velha que mata o seu velho amante porque ele a engana com uma moça.

– E o que aconteceu com elas?

– A velha tem uns três ou quatro meses de vida... Depende do quanto beber...

– Do quanto beber?

– É... Porque este é também um caso de alcoolismo...

– É complicado!

– Ainda mais do que você imagina! A velha que matou morrerá em três ou quatro meses, ou cinco, ou seis, as pernas inchadas, os pés numa bacia...

– Numa bacia?

– É só ver, no dicionário de medicina, como se morre de hidropisia...

– E a moça?

– Essa é ainda mais infeliz... Porque ama a velha como se fosse sua mãe... E também porque ama o seu cafetão...

– Seu...? Eu não entendo... Você tem cada jeito de se exprimir...

– E o cafetão vai perder vinte mil francos nas corridas! – continuou Maigret, imperturbável, sem parar de comer.

– Que vinte mil francos?

– Não importa!

– Estou perdida!

– Eu também... Ou melhor, eu... Eu compreendo demais... Me disseram “Sem criar caso”... E é tudo! Não se fala mais nisso... Um pobre caso de amor que deu errado...

E, de repente:

– Não temos legumes?

– Eu quis fazer couve-flor, mas...

E Maigret parafraseou, com seus botões:

– Já quis fazer amor, mas...



## S O B R E O A U T O R

---

GEORGES JOSEPH CHRISTIAN SIMENON nasceu na cidade belga de Liège, em 12 de fevereiro de 1903, filho de Desiré Simenon, contador de uma companhia de seguros, e Henriette. A família era católica, e o comparecimento a rituais da Igreja foi uma constante na infância do autor. Christian, filho mais novo do casal, era o preferido de Henriette, enquanto Georges venerava o pai, um homem paciente que não desperdiçava palavras. Era adolescente quando Liège foi ocupada pelos alemães durante a Primeira Guerra Mundial.

Ainda na juventude do autor, seu pai adoeceu gravemente do coração. Georges abandonou a escola e começou a trabalhar. Passou por vários empregos, até que, em janeiro de 1919, foi admitido como office boy no *Gazette de Liège*, sendo posteriormente promovido a repórter. Escreveu sob vários pseudônimos, até chegar ao nome de Georges Sim, que usaria por doze anos. Na atividade jornalística, adquiriu habilidades que muito lhe valeriam na carreira de romancista: escrever rápido e respeitar prazos. Paralelamente ao trabalho, nesse período Simenon aplicou-se no estudo de medicina forense. Também nessa época começou suas primeiras experimentações literárias e conheceu Régine Renchon, a quem apelidou de Tigy, sua futura mulher.

Seu pai morreu em 1921, e, após cumprir o serviço militar, Georges mudou-se para Paris, em 1922, onde se sustentou graças ao salário de secretário particular. Nos anos seguintes, ele se estabeleceria como autor de literatura *pulp*, além de frequentar artistas da cena francesa, como o cineasta Jean Renoir, de quem se tornou amigo, e a cantora americana Josephine Baker, de quem foi amante. Já nessa época estava em gestação aquele que se tornaria um dos mais famosos personagens da literatura ocidental, o inspetor Jules Maigret.

Entre 1929 e 1930, Simenon escreveu sob pseudônimo vários textos que prenunciavam o surgimento da série em que o comissário da Polícia Judiciária francesa desvenda uma série de crimes. Os anos de 1930 e 1931 foram dedicados à redação dos romances que comporiam a série Maigret e que seriam publicados já com o nome do autor pela editora francesa Fayard a partir de 1931. *Pietr-le-Letton (O assassino sem rosto)* foi o primeiro desses romances a ser escrito, mas *Monsieur Gallet, décédé* foi o primeiro a ser publicado, obtendo sucesso imediato, como os demais livros que se seguiriam. Todo o universo e a ética de Maigret já estavam estabelecidos nos primeiros livros da série. As histórias protagonizadas pelo inspetor Maigret – parisiense, fumante de cachimbo, usando sempre um sobretudo de gola de veludo e chapéu – compõem uma categoria *sui generis* da literatura policial: o êxito junto ao público deve-se menos ao enredo e à descoberta do mistério do que ao misto de ceticismo e esperança com o qual o taciturno Maigret vê a sociedade – visão psicológica que é a principal arma desse humanista no combate contra o crime. Com o passar dos anos, a composição dos personagens secundários se tornaria mais complexa e o tom dos romances, mais filosófico.

Em 1933, já havia escrito seis romances em um estilo diferente do que praticara até então, que ele chamou de *roman dur* : romances que não necessariamente giram em torno de um crime e que se apoiam, sobretudo, na riqueza psicológica dos personagens. A essa altura a família já estava vivendo na propriedade em La Rochelle, na costa oeste da França.

Em 1945, Simenon – já com problemas de coração –, Tigy e o filho do casal, Marc, deixaram a Europa em direção à América. Lá, ele conheceu Denyse Ouimet, que se tornaria sua segunda mulher. Em 1953, nasceu Marie-Jo, a única filha do autor, que acabaria se suicidando em 1978. Em 1955, a família

retornou à Europa, estabelecendo-se na Suíça.

A década que se seguiu foi turbulenta: Denyse sofreu de problemas psiquiátricos que a levaram à internação, em 1962, e, em 1964, abandonou a recém-construída residência familiar, na cidade suíça de Épalinges. Em 1970, morreu a mãe de Simenon, com quem ele sempre tivera relações problemáticas, e nesse mesmo ano ele escreveu seu último *roman dur*, *Les Innocents*, além de *Maigret e o sumiço do sr. Charles*, o último romance protagonizado por Jules Maigret. A partir de 1973, Simenon ditou e escreveu apenas livros de memórias que, como seus textos autobiográficos, são vistos com reservas por muitos estudiosos de sua obra, no que diz respeito à veracidade dos fatos. Nos últimos anos, o escritor viveu recluso, fazendo aparições públicas apenas ocasionalmente, das quais a mais famosa foi a entrevista dada ao cineasta e amigo Federico Fellini, na qual afirmou ter mantido relações com dez mil mulheres. Morreu aos 86 anos, no dia 4 de setembro de 1989, em Lausanne.

Simenon, o mais emblemático caso de proficuidade literária do século XX, é autor de mais de duzentos romances (75 dos quais protagonizados pelo inspetor Maigret), 155 contos (trinta com Maigret) e 25 textos autobiográficos. Esses números são apenas aproximados, já que vários escritos foram publicados apenas em periódicos, sob até 29 pseudônimos. Dezenas de livros seus foram adaptados para a tevê, cinema e quadrinhos, e a sua venda mundial é estimada em 1,5 bilhão de exemplares, em mais de cinquenta línguas. Atestando a sua permanência literária e a excelência de sua ficção, foi recentemente eleito o segundo melhor autor de livros de mistério pelo jornal *The Times*, somente atrás de Patricia Highsmith.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: Liberty Bar

Tradução: Celina Portocarrero

Capa: Ivan Pinheiro Machado. Foto: Gueorgui Pinkhassov/Magnum Photos

Preparação: Patrícia Yurgel

Revisão: Lia Cremonese

Cip-Brasil. Catalogação-na-Fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

---

S599L

Simenon, Georges, 1903-1989

Liberty Bar / Georges Simenon ; tradução de Celina Portocarrero. - Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

(Coleção L&PM POCKET; v. 873)

Tradução de: Liberty Bar

ISBN 978.85.254.2397-9

1. Ficção policial francesa. I. Portocarrero, Celina. II. Título. III. Série.

10-1873. CDD: 843

CDU: 821.133.1-3

---

Liberty Bar © 1932 Georges Simenon Limited, a Chorion Company. All rights reserved.

Liberty Bar © 2010 Georges Simenon Limited, a Chorion Company. All rights reserved.

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

Pedidos & Depto. Comercial: [vendas@lpm.com.br](mailto: vendas@lpm.com.br)

Fale conosco: [info@lpm.com.br](mailto: info@lpm.com.br)

[www.lpm.com.br](http://www.lpm.com.br)